

APOCALIPSE

Introdução	Capítulo 5	Capítulo 11	Capítulo 17
Esboço	Capítulo 6	Capítulo 12	Capítulo 18
Capítulo 1	Capítulo 7	Capítulo 13	Capítulo 19
Capítulo 2	Capítulo 8	Capítulo 14	Capítulo 20
Capítulo 3	Capítulo 9	Capítulo 15	Capítulo 21
Capítulo 4	Capítulo 10	Capítulo 16	Capítulo 22

INTRODUÇÃO

Observação. Ao iniciarmos este breve comentário sobre o inexaurível livro final do Cânon do Novo Testamento, provavelmente devemos apresentar dois aspectos do mesmo que serão observados na leitura do mesmo. Em primeiro lugar, guardadas as proporções, foi dedicado mais espaço às questões introdutórias do que normalmente se concede em um comentário, quer seja longo quer breve, deste livro. Isto se fez porque o escritor crê que o estudo do livro do Apocalipse exige mais considerações preliminares do que qualquer outro livro da Bíblia. Quanto mais o leitor fixar na mente certos princípios fundamentais de interpretação, mais rapidamente compreenderá estes francamente difíceis capítulos. Em segundo lugar, incorporamos nestas páginas uma grande porção de material dos mais importantes comentários sobre o Apocalipse escritos durante o último século, algumas das soberbamente concisas e penetrantes declarações dos grandes mestres da igreja cristã relacionadas com assuntos mencionados no livro.

Há algo quase paradoxal a respeito do livro do Apocalipse. É um volume de reconhecida dificuldade, e no entanto através dos séculos tem sido como um ímã, atraindo irresistivelmente para o seu estudo cristãos de todas as escolas de pensamento, leigos, clérigos e professores. R.H. Charles está certo quando começou as suas *Lectures on the Apocalypse* com esta declaração: "Desde a era mais remota da Igreja, tem se

admitido universalmente que o Apocalipse é o livro mais difícil de toda a Bíblia" (pág. 1). Calvino recusou-se a escrever um comentário sobre o Apocalipse, e deu-lhe muito pouca importância em seus maciços escritos. Lutero fugiu aos seus ensinamentos durante anos. Ao mesmo tempo, o livro tem compelido homens a prolongados estudos de suas profecias, voltando muitas e muitas vezes para uma reconsideração dos seus temas e para uma nova compreensão de suas revelações. Um só testemunho será suficiente, de alguém que geralmente é reconhecido ter sido o mais talentoso expositor do primeiro quarto de nosso século, G. Campbell Morgan: "Não há nenhum livro na Bíblia que tenho lido com tanta freqüência, nenhum ao qual tenho tentado dedicar atenção mais paciente e persistente . . . Não há nenhum livro na Bíblia ao qual eu me volte mais ansiosamente nas horas de depressão, do que este, com todo o seu mistério, todos os seus detalhes que não compreendo" (*Westminster Bible Record*, Vol. 3 [1912] 105,109).

A Importância do Livro. 1) As Escrituras do Novo Testamento seriam incompletas, deixariam os leitores em um estado de ânimo mais ou menos depressivo, se este livro não fosse escrito e incluído no Cânon. Ele não é somente o último livro no arranjo canônico de nossa Bíblia, mas é necessariamente a conclusão das revelações divinas ao homem. Esta verdade foi brilhantemente apresentada por T. D. Bernard em suas famosas *Bampton Lectures for 1864, The Progress of Doctrine in the New Testament*. "Não sei como algum homem, terminando as Epístolas, poderia esperar descobrir a história subsequente da Igreja essencialmente diferente do que ela é. Naquelas obras nos parece, como é na realidade, que não testemunhamos algumas tempestades passageiras que desanuviam a atmosfera, mas sentimos o todo da atmosfera carregado com os elementos da futura tempestade e morte. Cada momento as forças do mal se mostrara mais claramente. Elas são enfrentadas, mas não dissipadas . . . As últimas palavras de S. Paulo na segunda Epístola a Timóteo, e as de S. Pedro em sua segunda Epístola, com as Epístolas de S. João e S. Judas, têm a linguagem de um tempo no qual as tendências

daquela história expuseram-se distintamente; e nesse sentido essas cartas forma um prelúdio e uma passagem para o Apocalipse.

Assim, chegamos a este livro com lacunas que ele pretende preencher; aproximamo-nos dele como homens, que além de estarmos pessoalmente em Cristo, sabemos o que temos nEle como indivíduos, também, na qualidade de membros do Seu corpo, participamos de uma vida incorporada, no aperfeiçoamento da qual somos aperfeiçoados, e em cuja glória o nosso Senhor está glorificado. Por este aperfeiçoamento e glória esperamos em vão, entre as confusões do mundo, e as formas do mal sempre ativas e mutantes. Qual é o significado deste cenário selvagem? Qual será o seu resultado? E qual a perspectiva que há na realização daquilo que desejamos? Para um estado mental como este, e para as lacunas que envolve, é que esta última parte dos ensinamentos de Deus foram dirigidos, de acordo com aquele sistema de doutrina progressiva que tenho me esforçado em ilustrar, em que cada estágio de progresso resulta numa seqüência natural do efeito daquele que o precede ".

2) De todos os livros da Bíblia, este é aquele que certamente deve ser considerado como o livro do fim dos séculos. E poderia parecer que nestes últimos trinta anos, o mundo Ocidental, incluindo seus estadistas, cientistas, economistas e ensaístas, o têm, consciente ou inconscientemente, reconhecido. Isto é especialmente verdadeiro no que se refere ao uso da palavra **apocalipse**. Esta palavra tem representado uma era de sublevação, as condições do mundo cheias de terríveis conseqüências, o desencadeamento de grandes poderes que o homem sozinho parece incapaz de controlar. Martin Kiddle, o autor do livro sobre o Apocalipse, no Comentário de Moffatt, refere-se à "notável relevância" da mensagem deste livro "para a igreja nestes nossos dias". É apenas mais um exemplo da sanção divina, e do significado eterno das visões de João. Sempre que há uma crise mundial, sempre que o Estado se exalta e exige uma submissão que os cristãos sabem que não lhe podem dar sem renunciar as suas próprias almas, sempre que a Igreja

fica ameaçada de destruição, a fé bruxuleia e os corações são frios, o Apocalipse adverte e exorta, edifica e encoraja todos aqueles que dão atenção a sua mensagem" (pág. xlix).

3) Este é supremamente o livro de um mundo, e certamente agora, no meio deste século vinte, estamos nos aproximando dessa condição de um mundo só. Frequentemente no Apocalipse encontramos frases tais como estas, "muitos povos, nações, línguas e reis" (10:11; 11:9; 17:15), que sugerem o escopo universal da visão. Quando os reis são apresentados, são "reis do mundo inteiro" (16:14; 17:2, 18; 18:9; 19:19). De Satanás diz-se que ele é o enganador de "todo o mundo" (12:9). Todas as nações fornicaram com a meretriz (18:3,23). O boicote econômico imposto pela besta cobre toda a humanidade (13; 16, 17). Na verdade, a besta do mar recebeu "autoridade sobre cada tribo, povo, língua e nação" (13:7); e dá-se dela, "adorá-lo-ão todos os que habitam sobre a terra" (13:8). Há um grande significado no fato de que quando chega o momento de Cristo assumir o Seu lugar de direito como Rei dos reis e Senhor dos senhores, a palavra usada para o governo deste mundo está no singular, "o reino do mundo" (11: 15).

4) Este livro é notavelmente um livro para uma era de perturbação, para um século no qual as trevas se espessarão, o medo se espalhará por toda a humanidade, e poderes monstruosos, ímpios e maus, aparecerão no palco da história (como aparecem neste livro). Mas encontramos nele conforto e estímulo: Deus sabe todas as coisas desde o começo, até mesmo as tribulações do Seu próprio povo. Contudo, o final deste conflito, a perseguição, a tribulação, o martírio, será determinado por Cristo, quando Ele, finalmente for vitorioso. O pecado e Satanás e toda a corte de Satanás serão derrotados para sempre; e os crentes estarão com o Filho de Deus na glória para sempre.

5) Mesmo se todas essas coisas não fossem verdadeiras, e especialmente verdadeiras para o nosso século, não deveríamos nos esquecer de que é o único livro da Bíblia que enuncia uma bem-aventurança para o que ouve, lê e obedece as suas palavras: "Bem-

aventurados aqueles que lêem, e aqueles que ouvem as palavras da profecia e guardara as cousas nela escritas" (1: 3; 22: 7).

6) Finalmente, é neste livro que alguns dos maiores temas da revelação divina são concluídos dramaticamente. Aqui as profecias referentes a Cristo, o Rei dos reis, são desdobradas em sua plenitude, e se cumprem. Aqui, palavras tais como **tabernáculo, templo, paraíso, Babilônia**, etc., assumem sua conotação espiritual suprema. Aqui todas as promessas de uma vida em glória concentram-se no quadro maravilhoso da Cidade Santa. Temos aqui o destino final de Satanás, do Anticristo, os falsos profetas e todos os inimigos de Deus. Aqui os reis rebeldes do Salmo 2 encontram-se finalmente sob os pés do Cordeiro de Deus.

O Autor. Através dos séculos algumas dúvidas têm sido lançadas sobre a autenticidade deste livro. Neste comentário não há espaço para a exposição dos argumentos levantados contra a autoria joanina, mas temos de considerar os fatos que atestam que o Apóstolo João é o autor:

1) Quatro vezes neste livro o nome do autor foi inserido (1:1, 4, 9; 22:8).

2) Até a primeira metade do século II, era convicção da Igreja de que João era o autor. Justino Mártir declara francamente: "E conosco um homem chamado João, um dos apóstolos de Cristo, que na revelação que lhe foi dada. . ." (*Dialogue with Trypho the Jew*, cap. 81). O grande historiador Eusébio repetidamente atribuiu o livro a João (*Ecclesiastical History*, III, xxiv, xxxix); do mesmo modo Tertuliano (*Contra Marcion* 3:14, 24).

3) Sejam quais forem as peculiaridades gramaticais deste livro, existem inumeráveis semelhanças entre o vocabulário do Evangelho de João e o do Apocalipse. "Um elo importante que une estas obras", destaca Gloag, "é a aplicação do termo Logos a Jesus Cristo. Este termo é sem dúvida joanino; não foi empregado em nenhum outro lugar das Escrituras, e contudo aparece no Apocalipse: 'Está vestido com um manto tinto de sangue; e o seu nome se chama o verbo de Deus' (Ap.

19:13). Da mesma forma a palavra 'o Cordeiro', não simplesmente como emblema ou símbolo de Cristo, mas o próprio Cristo, é peculiar a João; como quando no Evangelho se diz 'Eis o Cordeiro de Deus', e no Apocalipse, 'Então vi, no meio do trono e dos seres viventes e entre os anciãos, de pé, um Cordeiro como tinha sido morto' (5:6). É verdade que a palavra grega é diferente, *ho amnos* usado no Evangelho e *to amion* no Apocalipse, mas a idéia de que Jesus Cristo é o Cordeiro é comum a ambos. A palavra *alethinós*, 'aquilo que é verdadeiro', foi usada dez vezes no Apocalipse, nove vezes no Quarto Evangelho, quatro vezes na Epístola, e apenas uma vez nas Epístolas paulinas. Da mesma forma, 'aquele que vence' (*nikos*), uma expressão favorita na Epístola, aparece muitas vezes no Apocalipse, como por exemplo na conclusão das cartas às sete igrejas e em outras passagens da obra: 'O vencedor herdará estas cousas' (21:7). O verbo *skênoô*, 'tabernacular', que só se encontra nas obras joaninas, foi usado no Evangelho, com evidente referência ao Shequiná, do Logos tabernaculando entre os homens (1:14), e foi quatro vezes empregado no Apocalipse com referência a Deus. 'Eis o tabernáculo de Deus com os, homens, Deus habitará com eles (tabernaculará)' (21:3)" (P.J. Gloag, *Introduction to the Johannine Writings*, pág. 306, 307).

A Data da Composição. São duas as grandes opiniões relativas à ocasião em que este livro foi escrito. Alguns a colocaram no reinado de Nero, na sétima década do primeiro século. Mas devido a muitas razões, parece-nos que é demasiado cedo. O veredito unânime da igreja primitiva era que o apóstolo João foi banido para a Ilha de Patmos pelo imperador Domiciano (81 a 96 A.D.), colocando alguns escritores o exílio no ano décimo quarto do seu reinado, 95 A.D. (Uma evidência antiga para isto encontra-se em Revere F. Weidner, *Annotations on the Revelation of St. John the Divine*, pág. xiv-xvii).

O Apocalipse revela claramente que foi escrito em uma ocasião de grande perseguição. A perseguição sob Nero foi mais ou menos limitada a Roma, mas sob Domiciano alcançou outras partes do império romano.

Domiciano banuiu homens a diversos locais de exílio, mas Nero não o fez. Mais ainda, as sete igrejas da Ásia aqui demonstrara um desenvolvimento maturo, que facilmente existiria em data tão precoce com 65 A.D. Além disso, não temos evidência nenhuma de que o apóstolo exercesse qualquer autoridade sobre as igrejas da Ásia antes da destruição de Jerusalém. Com tal ponto de vista concordam escritores tais como Lange, Alford, Elliott, Godet, Lee, Milligan e outros.

Título do Livro. A palavra Revelação deriva do latim *revelatio* (de *revelare*, "revelar ou tirar o véu daquilo que estivera previamente escondido"). Este era o título conferido ao livro na Vulgata Latina. O título grego é **Apocalipse**, extraído diretamente da primeira palavra do texto grego, *apocalypsis*. Nesta forma substantiva a palavra não se encontra em nenhuma outra obra da literatura grega, mas como verbo foi continuamente usada nos Evangelhos e nas Epístolas, de maneiras variadas, especialmente com referência a algumas formas da revelação divina ao homem (como o Filho do Homem, em Lc. 17:30). Foi usada por Paulo referindo-se ao mesmo evento futuro (Rm. 8:18; I Co. 1:7; II Ts. 1:7), e freqüentemente em I Pedro (1:7, 13; 4:13; 5:1). No texto grego de Daniel esta palavra encontra-se muitas vezes com referência à revelação de segredos, ou interpretação de sonhos, ou revelação de Deus (veja Dn. 2:19, 22, 28, 29, 30, 47; 10:1; 11:35).

O Tema. O Apocalipse é um livro profético. Na sua revelação do futuro, enfatiza particularmente as repetidas e crescentes tentativas violentas e mundiais de personalidades e pessoas terrenas, ativadas e dirigidas por poderes demoníacos e lideradas por Satanás, de se oporem e evitarem a execução da declarada intenção de Cristo de estabelecer o Seu reino sobre a terra. Está claro que este conflito certamente acabará com a derrocada dessas forças do mal e o estabelecimento do reino eterno de Cristo. Este conflito secular, envolvendo na guerra até os céus, compõe-se de uma série de ardis da parte dos inimigos de Cristo para derrotar o Rei dos reis. Cada tentativa resulta em fracasso, seguido por terrível juízo divino. E o longo conflito terminará no juízo diante do

Grande Trono Branco, com o aparecimento da Nova Jerusalém, e o começo da eternidade.

Um Livro de Visões. O livro do Apocalipse, acima de todos os outros livros da Bíblia, é um registro do que foi revelado em visões ao autor. Todos nós sabemos como às vezes se torna difícil registrar o que *vimos*, especialmente quando a visão é espetacular. Como poderia alguém descrever adequadamente um pôr-de-sol glorioso, ou a majestade dos Alpes? Os muitos e diferentes verbos gregos significando "ver", "observar", ou "perceber", aparecem 140 vezes neste livro, começando com "o que **vês**, escreve em livro" (1:11). Imediatamente após João diz: "Voltei-me para ver quem falava comigo, e voltado, **vi**", etc. (v. 12). No começo do capítulo 4, ouve-se uma voz do céu dizendo a João, "Sobe para aqui, e te mostrarei o que deve acontecer depois destas cousas" (4:1). Deste ponto para frente, há inúmeros parágrafos, até o final do livro, que começam com "e vi".

Não somente temos aqui uma série de visões, mas o livro está saturado de linguagem simbólica, e estes símbolos devem receber consideração especial. Especialmente isto acontece em relação aos números. Em primeiro lugar, há uma constante repetição do número sete. Quanto ao simbolismo dos números no livro, inserimos aqui os concisos e compreensíveis resumos de Moorehead e Weidner: "Este número (sete) não foi empregado apenas para indicar muitos objetivos individuais", explica Moorehead, "mas penetra grandemente em todo o plano do livro. Sete é o número da inteireza, da perfeição, e da plenitude dispensacional. Todos os leitores sabem que são quatro os grupos de sete que cobrem uma considerável seção do livro. Há as sete mensagens às sete igrejas (caps. 2, 3). A visão dos sete selos, que abrange 6-8:1 (com um episódio entre o sexto e o sétimo da série, a saber vii). A visão das sete trombetas, 8:2-11,16 (com um episódio entre a sexta e a sétima, 10-11:13). A visão das sete taças, 15:5-16. Assim quase metade do livro pertence a esta série quádrupla ... Penetra em passagens onde não é mencionada diretamente. Assim, em 5:12, os sete atributos de louvor são conferidos

ao Cordeiro que foi morto; o grupo vestido de branco em 7:12 adora a Deus com o mesmo número de atribuições. O capítulo 14:1-20 consiste de sete partes, isto é, o Cordeiro com o seu glorioso grupo no monte Sião; o evangelho eterno; a queda de Babilônia; a solene ameaça contra qualquer comunhão com a Besta; porção feliz daqueles que morrem no Senhor doravante; a colheita; a vindima. Além disso, o capítulo menciona seis anjos, e Um como o Filho do Homem – três anjos de cada um de seus lados, e Ele está no meio, presidindo sobre os grandes acontecimentos. O clímax da série está no número quatro, onde Ele está assentado sobre a Nuvem branca. Os 'sete Espíritos que se acham diante do seu trono' (1:4) expressam a perfeição infinita do Espírito Santo. As 'sete estrelas' na mão direita de Cristo (1:16) indicam a autoridade completa que Ele tem sobre as igrejas. O Cordeiro tem 'sete chifres e sete olhos' (5:6), que indicam todo o poder, a inteligência suprema e a onisciência perfeita com a qual Ele está dotado" (Wm. G. Moorehead, *Studies in the Book of Revelation*, pág. 30-32).

"A metade de sete, no Velho Testamento", diz Weidner, "indica tempo de tribulação. Aparece de várias maneiras, tanto no Velho como no Novo Testamento. A fome no tempo de Elias durou três anos e meio (I Reis 17:1; Lc. 4:25; Tg. 5:17); o mesmo período é o 'um tempo, dois tempos e metade dum tempo' de Dn. 7:25 e Dn. 12:7; 'a metade da semana' mencionada em Dn. 9:27. Este mesmo período de tempo aparece no Apocalipse sob a forma de quarenta e dois meses (Ap. 11:2; 13:5) ou 1.260 dias (Ap. 11:3; 12:6), ou 'um tempo, e tempos, e metade de um tempo' (Ap. 12:14). As **duas testemunhas** também permaneceram mortas 'por três dias e meio' (Ap. 11:9, 11). Este número imperfeito é, portanto, um símbolo de grande significado, e tem sido aceito como a 'assinatura' da aliança violada ou do sofrimento e desastre... **Dez** é a representação simbólica da perfeição absoluta e desenvolvimento completo, tanto referindo-se a Deus quanto ao mundo. É a 'assinatura' de um todo completo e perfeito. Dez é o número dos Mandamentos; o Santo dos Santos era um cubo de 10 cúbitos de cada

lado; dez vezes dez, ou 100, é o número do Rebanho de Deus (Lc. 15:4, 7); e o cubo de dez, ou 1.000, é a duração do reinado dos santos (Ap. 20:4). A *décima* geração significa 'para sempre' (Compare Dt. 23: 3 com Ne. 13:1). **Dez** é também o número da perfeição do mundo, simbolizando o poder perfeito. As dez pragas do Egito simbolizavam o derramamento completo da ira divina; a quarta besta de Daniel tinha dez chifres (Dn. 7:7, 24); o Dragão Vermelho do Apocalipse tem dez chifres (Ap. 12:3), como também a Primeira Besta ou o Anticristo (Ap. 13:1).

Doze é, enfaticamente, o número que se refere ao reino de Deus, a 'assinatura' de Deus (três) multiplicada pela 'assinatura' do mundo (quatro). Lee acha que enquanto **sete** é o número sagrado das Escrituras, **doze** é o número do Povo da Aliança em cujo meio Deus habita, e com quem Ele travou as relações da Aliança. **Doze** são as tribos de Israel: havia duas vezes **doze** grupos de sacerdotes; quatro vezes **doze** cidades dos levitas; **doze** é o número dos apóstolos; duas vezes **doze** é o número dos anciãos que representaram a Igreja Redimida; a mulher de Ap. 21:1 tinha uma coroa de **doze** estrelas em sua cabeça; a Nova Jerusalém tem **doze** portões (Ap. 21:12), o muro da cidade tem **doze** fundamentos (21:14) e a árvore da vida produz **doze** nomes de frutos (22:2)" (Weidner, *op. cit.*, pág. xxxix, xl).

No simbolismo das cores, branco é destacadamente a cor da inocência, pureza e justiça, como também da idade espiritual, maturidade e perfeição; o preto indica fome, desespero, sofrimento; o vermelho, cor de sangue, pode indicar, como o próprio sangue, a guerra, o homicídio ou a morte sacrificial; o roxo é a cor da realeza ou do ócio voluptuoso; e o amarelo é a cor da vida que se esvai e do reino da morte (6;8). (Veja o excelente exame do simbolismo das cores em John Peter Lange, *The Revelation of St. John*, pág. 16-18).

Vocabulário. Há 916 diferentes palavras no texto grego do Apocalipse; dessas, 416 são também encontradas no Quarto Evangelho; 98 aparecem só uma vez em outras passagens do Novo Testamento; enquanto há 108 palavras que não se encontram em nenhuma outra

passagem do Novo Testamento. Aqui há muitas palavras que falam de autoridade. Por exemplo, a palavra para trono ocorre 44 vezes; **rei, reino** e **governo**, 37 vezes; **autoridade** e **poder**, 40 vezes. As muitas palavras traduzidas para **ver, perceber**, etc., aparecem perto de 150 vezes. As palavras que significam escrever, e o resultado da escrita, isto é, um **livro**, são encontradas 60 vezes.

O Uso do Velho Testamento no Apocalipse. Este último livro da Bíblia forma um mosaico espantoso, como se vê, de temas do Velho e Novo Testamento. No apêndice ao *Greek New Testament*, de Westcott e Hort (pág. 184-188), estima-se que dos 404 versículos deste livro, 265 contenham linhas que abrangem aproximadamente 550 referências de passagens do Velho Testamento; há 13 referências a Gênesis, 27 a Êxodo, 79 a Isaías, 53 a Daniel, etc. Muitos concordariam com o falecido Professor Briggs que "o discurso escatológico de Jesus (Mt. 24:25; Mc. 13; Lc. 21) é, segundo o nosso pensar, a chave do Apocalipse. Este livro é a obra de um judeu saturado das profecias do Velho Testamento, sob a orientação da palavra de Jesus e a inspiração de Deus. É o clímax da profecia do Velho e Novo Testamentos".

Esta extensa incorporação do material do Velho Testamento vê-se em grandes seções, versículos separados e frases individuais. Assim, a descrição da Babilônia, no capítulo 18, tem paralelos incontáveis com Jeremias 51. As duas bestas do capítulo 13, com seus dez chifres que são dez reis, derivam diretamente das visões da besta de Dn. 7, 8. A visão das duas oliveiras e dos dois castiçais (cap. 11) é uma reconstrução da visão de Zacarias (Zc. 4). Os períodos de tempo no livro do Apocalipse derivam de Daniel, como o tempo, dois tempos e a metade de um tempo (12:14, de Dn. 12:7). Muitos dos juízos das trombetas são espantosamente paralelos às pragas do Egito, as quais vamos considerar em alguns detalhes na exposição da passagem. Até mesmo no primeiro capítulo, o versículo 6 refere-se a Êx. 19:6; versículo 7 a Dn. 7:13 e Zc. 12:10, 12; o versículo 14 consiste de duas passagens extraídas de Dn. 7:9, 13; 10:5. O versículo 15 deriva de Dn. 10:6; Ez. 1:24; o versículo 16

de Is. 11:4; 49:2; o versículo 17 de Is. 44:6; 48:12; e o versículo 18 de Is. 38:10. Muitos dos títulos da divindade usados neste livro encontram seus originais no Velho Testamento: "o Todo-Poderoso" de 1:8, etc. em Gn. 17:1; "o Alfa e o Ômega", idem. (Um bom capítulo sobre este assunto encontra-se em Merrill C. Tenney, *Interpreting Revelation*, pág. 101-116).

A Relação do Apocalipse com o Discurso no Jardim das Oliveiras. Todos concordariam que são muitas as linhas de pensamento no Apocalipse que têm forte semelhança com os assuntos mencionados no Discurso que Nosso Senhor fez no Jardim das Oliveiras. Alguns o têm levado longe demais, é o que me parece, e têm forçado o Apocalipse dentro de um molde construído com a divisão tripla do Discurso das Oliveiras. Os acontecimentos do Discurso podem Ser divididos cronologicamente em três períodos – pré-Tribulação, Tribulação e pós-Tribulação. Seria difícil formar um esboço semelhante para o livro do Apocalipse. Entretanto, há muitas passagens paralelos, particularmente aquelas que descrevem as perturbações físicas e econômicas que terão lugar ao se aproximar o fim dos tempos, como por exemplo Lc. 21:9-11. Guerra, fome, pestes e terremotos aparecerão nos quatro primeiros juízos dos selos; guerras, freqüentemente, de Ap. 16:12 até o fim do capítulo 19, e terremotos em 16:18 e 18:8. A questão do martírio, conforme Lc. 21:12-16, aparece freqüentemente no livro, como em Ap. 6:9-11; 11:7-10; 13:7, 15; 16:6; 17:6; 18:24. A Grande Tribulação é mencionada em 7:14. Os falsos cristos e falsos profetas aparecem em sua forma final no capítulo 13. Os distúrbios celestes de Lc. 21:25-28 estão em Ap. 6:12-14 e segs. A vinda do Filho do Homem é anunciada em Ap. 1:7 e é consumada quando a Palavra de Deus desce do céu por ocasião da batalha do Armagedom. (Para exame deste assunto, veja meu livro, *A Treasury of Books for Bible Study*, pág. 235-242. Há alguns anos atrás Henry W. Fost escreveu todo um livro sobre este assunto, *Matthew Twenty-Four and the Revelation*, Nova Iorque, 1924.)

O Princípio da Antecipação. Através de todo este livro, muitas e muitas vezes, o autor usa aquilo que é conhecido por prolepse; isto é, logo no começo do livro ele usa uma frase que reaparece mais tarde, e geralmente mais desenvolvida. Assim, por exemplo, Cristo é chamado de "a fiel testemunha" no começo (1:5), mas reaparece como a Testemunha Fiel em 3:14;17:6; 20:4. Inicialmente recebe o título de "soberano dos reis da terra" (1:5). Mas quando nos aproximamos do final dos séculos, quando as prerrogativas deste título vão ser realmente exercidas, encontramos-Lo novamente assim designado (17:14; 19:16). No começo anuncia-se (1:6) que Cristo nos fez reis e sacerdotes; mas isto volta a aparecer no final do livro (20: 6). Do mesmo modo o título, "o Alfa e o Ômega", que se encontra no começo (1:8) e no final (21:6; 22:13), como também o título, "o Todo-Poderoso" (1:8; 19:6, 15; 21:22). A ordem de guardar as palavras desta profecia foi dada na introdução, mas essa é exatamente a ordem que encontramos repetidamente no final do livro (22:7, 10, 18).

As promessas feitas aos crentes nas sete epístolas dos capítulos 2 e 3 reaparecem com espantosa reiteração quando as grandes lutas sobre a terra terminam, e os filhos de Deus estão na glória da ressurreição da Nova Jerusalém. Assim, a promessa da "árvore da vida" (2:7) encontra-se novamente bem no final do livro (22:2, 14). Livramento da segunda morte está prometido aos fiéis de Esmirna (2:11) e torna a ser citado no Último Juízo (20:6,14). "O Espírito" declara, na quarta epístola, que Cristo governará as nações "com vara de ferro" (2:27); e isto é exatamente o que se diz da batalha do Armagedom (19:15). A promessa da "estrela da manhã" àqueles que são fiéis (2:28) reaparece em 22:16. A idéia de andar com Cristo "de branco" não apresentada apenas aos fiéis de Sardes e Laodicéia, mas também aos crentes no fim dos tempos (3:4, 5,18; 19:14). O "livro da vida" (3:5) reaparece quatro vezes, começando com o período da tribulação (13:8; 17:8; 20:12, 15; 21:27). À cidade de Filadélfia foi feita uma promessa quádrupla (3:12), cada frase da qual reaparece no final do livro: "Ao vencedor, fá-lo-ei coluna no santuário

do meu Deus . . . gravarei também sobre ele o nome do meu Deus (22:4), o nome da cidade do meu Deus (21:2, 10), a nova Jerusalém... (21:2, 10), e o meu novo nome". Finalmente, a promessa aos vencedores de Laodicéia, que se assentarão com Cristo no Seu trono, reaparece no começo da descrição da Nova Jerusalém (20:4).

Alternando Cenas do Céu e Cenas da Terra. Um fator fundamental deste livro, muitas vezes ignorado pelos comentadores, é de grande ajuda na compreensão destes capítulos quando reconhecido. Isto é, muitas cenas deste livro estão localizadas no céu, enquanto os juízos propriamente ditos têm lugar na terra; e as cenas no céu sempre precedem os acontecimentos terrenos aos quais estão relacionados. Assim, as mensagens às sete igrejas são precedidas por uma visão do Senhor que ascendeu ao céu. A abertura dos seis selos no capítulo 6 é precedida pela visão do Cordeiro no céu, digno de abrir o livro (caps. 4, 5). Os juízos que acompanham o tocar das sete trombetas são precedidos por uma cena celeste que se estende de 7:1 a 8:5. Os terríveis acontecimentos dos capítulos 11; 12; 13 são novamente precedidos por uma cena celestial de instruções para João. As devastações que acompanham as sete pragas (caps. 15; 16) são precedidas por avisos dos anjos e a exibição do "templo . . . no céu". E, depois do juízo final do capítulo 20, o livro conclui com um quadro do lar celestial dos redimidos.

Sempre senti que existem duas grandes verdades a serem extraídas deste fenômeno. Primeiro, o que vai acontecer na terra, embora desconhecido pelo homem e inesperado para ele, é inteiramente conhecido àqueles que estão no céu – o Senhor que ascendeu ao céu, os anjos, os vinte e quatro anciãos, as criaturas viventes e os outros. Em segundo lugar, o que vai acontecer na terra está sob completo controle e direção do céu, de modo que podemos dizer com segurança, a julgar deste livro, como também de outros livros proféticos das Escrituras, que tudo que acontece na terra apenas cumpre a Palavra de Deus. Este princípio é notavelmente apresentado nos avisos preliminares referentes

aos reis da terra que fazem guerra contra o Cordeiro. Embora leiamos a respeito de dez reis satanicamente inspirados, tendo uma só mente e concedendo seu poder e autoridade à besta (17:12,13), não obstante, é Deus que "tem posto em seus corações, que cumpram o seu intento, e tenham uma mesma idéia, e que dêem à besta o seu reino, até que se cumpram as palavras de Deus" (17:17).

O Livro do Juízo. Desde o começo deste livro até quase o fim, devemos sempre ter em mente o fato de que o livro de Apocalipse é um livro de juízo, portanto, um livro envolvendo destruição, devastação, morte, dor, tribulação. A própria descrição do Senhor Jesus quando Ele está para enviar mensagens às igrejas contém alguns fatores que indubitavelmente falam de juízo - olhos "como chama de fogo", pés "semelhantes a latão reluzente", de cuja boca "saía uma aguda espada de dois fios". As passagens seguintes tratam especialmente deste tema do juízo: 6:16, 17; 11:17, 18; 14:7, 10; 16:5, 7; 18:8, 10, 20; 19:2 e 20:11-15.

Canonicidade. A Igreja Ocidental desde logo creu que o livro do Apocalipse devia ser incluído entre os livros canônicos do Novo Testamento, e ele era publicamente lido nas igrejas. Mas a Igreja Oriental parecia relutante em adotar a mesma posição, e não concordou com a canonicidade do Apocalipse até o século IV. O Cânon Muratoriano, compilado em cerca de 200, inclui o livro em sua lista. Pelos meados do século III, o Bispo de Alexandria aceitou o livro como canônica. Foi omitido na Versão da Vulgata Siríaca. O Terceiro Concílio de Cartago (397) aceitou o livro como canônico, e todo o volume aparece nos manuscritos primitivos, no Códex Sinaítico, no Códex do Vaticano e no Códex Alexandrino. Lutero errou grandemente em colocar o livro do Apocalipse junto às epístolas de Tiago, Judas e Hebreus, em um apêndice. Há séculos a Igreja Protestante universal e as Igrejas Oriental e Ocidental concordaram que é uma obra canônica. (Todo este assunto foi examinado com grande minuciosidade no volume de Ned B.

Stonehouse, *The Apocalypse in the Ancient Church*, Goes, Holland, 1929.)

As Quatro Principais Escolas de Interpretação. O livro do Apocalipse é a única grande porção da Palavra de Deus em relação à qual desenvolveram-se quatro diferentes sistemas básicos de interpretação. O sistema de interpretação que um estudante da Bíblia adota fará uma grandíssima diferença naquilo que crê que o livro ensina.

1) **O Esquema Espiritual de Interpretação.** Desde os dias de Agostinho, sempre existiram alguns mestres da Bíblia que têm insistido que o propósito deste livro não é instruir a igreja quanto ao futuro, não é predizer acontecimentos específicos, mas simplesmente ensinar princípios espirituais fundamentais. Este é o ponto de vista repetidas vezes expresso por Milligan (W. Milligan, *Lectures on the Apocalypse*), embora às vezes ele se contradiga. Ele diz em um lugar: "O Apocalipse trata de maneira distinta e enfática da Segunda Vinda do Senhor". Gloag insiste sobre o mesmo ponto de vista: "O livro tem a intenção de nos ensinar a história espiritual da Igreja de Cristo, advertir-nos dos perigos espirituais aos quais estamos expostos, informar-nos das tentações espirituais às quais estamos sujeitos, descrever a controvérsia com o mal, e confortar-nos com a certeza da vitória final de Cristo sobre os poderes das trevas".

Bem, tudo isto é verdade. O livro ensina princípios e princípios espirituais; ele transmite uma mensagem de conforto na sua certeza da vitória final de Cristo. Mas tudo no livro contradiz o ponto de vista de que não apresenta o futuro profético. O próprio livro proclama-se profecia genuína. "O mal", conforme diz Moorehead, "sempre procura se concentrar em uma pessoa ou sistema; assim também o bem. O Apocalipse nos mostra o mal centralizado na besta e no falso profeta". Certamente a volta de Cristo está neste livro, e esta é uma profecia de um acontecimento futuro; do mesmo modo, a ressurreição dos crentes e o julgamento diante do Grande Trono Branco. (Este é o ponto de vista

mantido pela maioria dos comentadores da fé reformada, Peters e outros.)

2) **O Esquema Preterista de Interpretação.** Este sistema de interpretação do Apocalipse insiste em que o autor só descreve acontecimentos que aconteceram na terra, dentro do Império Romano, durante os seus dias de vida, especialmente aproximando-se do fim do primeiro século. Este é um ponto de vista principalmente desenvolvido no século XVII, por Alcazar, um mestre jesuíta, numa tentativa de replicar aos argumentos da Reforma, que insistiam que o livro predizia a corrupção e declínio da Igreja Católica Romana, especialmente nos dois capítulos dedicados à Babilônia. A opinião de Alcazar foi adotada por um bom número de escritores modernos – Moses Stuart, A.S. Peake, Moffatt, Sir William Ramsay, Simcox e outros. Estes homens defendem que o governante cuja ferida mortal foi curada é Nero, e que Domiciano foi a besta do capítulo 13. É verdade que a opinião preterista deve ser aplicada em nossa interpretação das sete igrejas.

Mas dizer que o restante do livro refere-se apenas a acontecimentos do primeiro século é na verdade negar o seu caráter profético, forçando muitas de suas declarações dentro de um molde pequeno demais para contê-las. Conforme Milligan disse: "Toda a atmosfera do livro leva à conclusão oposta. Trata de muita coisa que vai acontecer até o fim dos tempos, até a hora do clímax da luta da Igreja, da consecução total de sua vitória e do total alcance do seu repouso. O Apocalipse revela distintamente que está preocupado com a história da Igreja até que ela entre na posse de sua herança celestial" (*op. cit.*, pág. 41).

3) **O Esquema Historicista de Interpretação.** Na história da interpretação do Apocalipse, provavelmente maior é o número de nomes ligados a este esquema do que a qualquer outro ponto de vista, com exceção do futurista. De acordo com este conceito, o livro do Apocalipse, especialmente na profecia dos selos, das trombetas e das taças, apresenta eventos particulares da história do mundo que se relacionam com o bem-estar da Igreja *desde o primeiro século até os*

tempos modernos. A maior das obras baseadas nesta teoria é o estudo em quatro volumes feito por Elliott (E.B. Elliott, *Horae Apocalypticae*), que pode ser considerada como uma ilustração deste esquema. Ele diz que os juízos das trombetas cobrem o período de 395 a 1453, que a primeira trombeta se refere à invasão dos godos, a terceira dos hunos sob o comando de Átila, a quinta das hordas maometanas que se derramaram pelo Ocidente no sexto e sétimo século, etc. Temos outra ilustração na famosa obra de Mede que diz que o sexto selo prediz a derrocada do paganismo sob Constantino, que a segunda taça se refere a Lutero, que a terceira se relaciona com os acontecimentos do reinado da Rainha Elizabeth I, etc. Muitos daqueles que pertencem a esta escola insistem que o terremoto mencionado em 11:19 refere-se à Revolução Francesa; outros encontram Napoleão Bonaparte no livro do Apocalipse, etc., etc.

Agora, deixando de lado todas as outras objeções a este esquema, temos de admitir que ele não oferece nenhum princípio ou critério fundamental pelo qual sejamos capazes de determinar quais são exatamente os acontecimentos históricos mencionados em determinada passagem. E isto tem levado a um vasto pântano de confusão e contradição entre os que defendem este ponto de vista.

Milligan, numa forte crítica a todo esse esquema, diz: "Podemos realmente admitir que os acontecimentos nele encontrados pelo intérprete histórico teriam sido instrutivos ou consoladores para o cristão primitivo, se ele fosse capaz de compreendê-los inteiramente. Mas a verdadeira dificuldade está nisto, que tal compreensão era impossível naquele tempo . . . Enquanto inúteis aos homens que aS receberam de primeira mão, as visões do Apocalipse teriam sido, dentro deste sistema, igualmente inúteis ao grande corpo da Igreja Cristã, mesmo depois de cumpridas, e seu cumprimento reconhecido por alguns poucos pesquisadores competentes. Os pobres e os iletrados sempre souberam, e provavelmente sempre saberão, pouca coisa dos acontecimentos históricos supostamente aludidos no livro. Faria parte do plano divino tomar a compreensão de uma revelação tão insistentemente recomendada

dependente de um conhecimento da história eclesiástica e política do mundo nas centenas de anos passados? A própria suposição é absurda. É inconsistente com a primeira promessa do livro, "Bem-aventurados aqueles que lêem e aqueles que ouvem as palavras da profecia!" . . . A seleção dos acontecimentos históricos feita pelo sistema é altamente arbitrária, e não se pode dizer que corresponda ao grau de importância que os tais acontecimentos tenham vindicado para si mesmos no decorrer da história" (*op. cit.*, pág. 131).

4) **O Esquema Futurista de Interpretação.** Dificilmente poderia se duvidar de que o Apocalipse é um livro de profecias preditivas. Negá-lo seria ignorar o estilo, o tema e os acontecimentos futuros do Apocalipse. Certamente o Segundo Advento, o conflito final de Cristo com as forças do mal, o Milênio, o juízo final, são ainda acontecimentos futuros. O esquema futurista de interpretação insiste que, na grande maioria, as visões deste livro se realizarão no final desta dispensação. A escola futurista foi há muito, excelentemente definida, como o esquema que "aguarda o cumprimento dessas predições, não nos primeiros acontecimentos e heresias da igreja, nem na longa série dos séculos desde as primeiras pregações do Evangelho até agora, mas nos acontecimentos que precederão de perto, acompanharão e se seguirão ao Segundo Advento de nosso Senhor e Salvador" (*Lectures on the Apocalypse*, pág. 68).

É estranho encontrar Gloag (em 1891) dizendo que "este sistema não tem muitos adeptos" (*op. cit.*, pág. 372). O fato é que tem muitos adeptos entre os quais se encontram destacados expositores bíblicos dos tempos modernos e alguns dos mais notáveis estudantes das profecias. Entre eles estão Todd, Benjamin Wills Newton, Seiss, William Kelly, Peters, praticamente todos aqueles que escreveram dentro da atmosfera dos Irmãos de Plymouth, como, por exemplo, S. P. Tregelles, Nathaniel West, A.C. Gaebelien, Scofield, Moorehead, Walter Scott, Alford e outros. Theodor Zahn, no seu notável comentário sobre o Apocalipse (ainda não traduzido para o inglês), assume a posição futurista, e Zahn é

reconhecido como o maior dos mestres conservadores do Novo Testamento da Europa no final do século XIX. Simcox, que não é futurista, admite francamente que "desde o tempo de Tertuliano e Hipólito – sem falar de Justino e Irineu – temos uma consistente expectativa no curso dos acontecimentos que precederão o juízo final" (G. A. Simcox, *The Revelation of St. John the Divine*, em CBSC, pág. xliv).

Existe, é claro, um futurismo extremo que deve ser enfaticamente rejeitado. Alguns futuristas vão ao ponto de dizer que as sete igrejas da Ásia se reorganizarão e se restabelecerão no final dos tempos, quando então as predições que lhe dizem respeito serão cumpridas – um modo totalmente desnecessário e irracional de ver as coisas.

A objeção tantas vezes ouvida, que é estranho termos em nosso Novo Testamento um livro que, na maior parte, contém assuntos relacionados w final dos tempos, não se mantém de pé quando se recorda o fator fundamental relacionado com as profecias básicas de longo alcance das Escrituras, a saber, que desde os tempos primitivos elas apontam para o seu cumprimento no final dos tempos. Não é o que acontece com a primeira profecia da Bíblia – "Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar" (Gn. 3:15)? Não é esta uma profecia da vitória messiânica que ainda aguarda seu cumprimento final? A extensa profecia de Jacó em Gênesis 49 refere-se aos "últimos dias" conforme diz. Repetidas vezes no Livro de Daniel, somos informados de que suas profecias se referem ao "fim" (7:26; 9:26, 27; 11:13, 27; 12:8, 13). O discurso que nosso Senhor fez nas Oliveiras não aponta diretamente para o fim dos tempos e a futura Segunda Vinda de Cristo? (Mt. 24:3,14; também suas parábolas proféticas, como, por exemplo, Mt. 13:39, 40). O mesmo acontece com Paulo falando aos tessalonicenses com referência ao homem do pecado; a narrativa de Pedro sobre a apostasia dos últimos dias; a grande profecia escatológica de Paulo em II Timóteo 3, e todo o corpo das profecias no conhecido capítulo da

ressurreição, I Coríntios 15. Todas estas passagens requerem interpretação futurista. Não se dá nada irracional que a Bíblia concluísse com um livro de profecias, as quais, na sua maioria, fossem cumpridas na grande e final consumação desta dispensação – o fim da revolta contra Deus, e o começo de uma era de justiça pela qual todos os homens justos anseiam.

É claro que em cada um destes sistemas de interpretação existe um pouco de verdade. Os três primeiros capítulos devem ser interpretados historicamente. Há grandes princípios espirituais apresentados nos juízos, nas promessas, nas profecias e nas vitórias messiânicas deste livro. Na maioria, entretanto, o Apocalipse será mais corretamente interpretado se for adotado o esquema futurista.

O Apocalipse e a Literatura Apocalíptica. Quando o dom da verdadeira profecia cessou com Malaquias no Velho Testamento, cerca de 400 A.C., desenvolveu-se dentro da comunidade judaica uma literatura da qual uma parte é chamada de apocalíptica. Esta literatura foi escrita em linguagem simbólica e descritiva. Foi composta, na maioria, em tempos de perseguição, especificamente nos dias de Antíoco Epifânio, no segundo século, antes de Cristo, como também no primeiro século desta era, quando o povo hebreu viu a destruição de sua santa cidade. A literatura apocalíptica é, principalmente, escatológica. Ela se concentra naqueles acontecimentos futuros quando os inimigos de Israel e do Senhor serão destruídos, e Israel mesma será restaurada à sua glória antiga.

O Apocalipse do Novo Testamento é inteiramente diferente, em seu todo, da literatura apocalíptica precedente. Como George Ladd destacou bem: 1) O autor designou o seu livro como uma profecia (1:3; 22:7; etc.), e o livro é portanto o produto do espírito profético. 2) João não toma o nome de algum grande profeta do passado de Israel, mas usa o seu próprio nome. 3) João não narra a história passada sob o disfarce de profecia, mas olha profeticamente dentro do próprio futuro. 4) O livro de João, embora cheio de passagens negras e agourentas, não transmite um

espírito de pessimismo, como muitos dos livros apocalípticos fazem, mas de otimismo, pois o vidente constantemente reitera a grande verdade de que Cristo conquistará todos os inimigos, e que os reinos deste mundo se transformarão no reino de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. 5) Finalmente, o Apocalipse insiste com seus leitores sobre as grandes exigências éticas. Aqui há uma grande urgência moral. A salvação não é algo automaticamente conferido mas algo que será dado àqueles que trazem sobre si os sinais dos verdadeiros filhos de Deus (G. E. Ladd: "Apocalyptic, Apocalypse", no *Baker's Dictionary of Theology*, 1960, pág. 50-54).

É Necessário um Estudo Prolongado para se Entender este Livro. Por causa do seu simbolismo, sua saturação com as passagens e temas do Velho Testamento, os vários esquemas de interpretação que se desenvolveram em relação a este livro através dos séculos, e a profundidade e vastidão dos assuntos que nela são revelados, eu creio que o Apocalipse, mais do que qualquer outro livro da Bíblia, revelará seu significado só àqueles que lhe dedicarem estudo prolongado e cuidadoso. O Professor William Milligan desafia-nos com estas palavras: "O livro está aqui e, ou nós o excluimos do N.T., ou a Igreja deve continuar lutando por compreendê-lo até que tenha sucesso. Observação: 1. Em primeiro lugar, partamos da suposição – uma suposição que não é negada por nenhum daqueles aos quais estas palestras são dirigidas – que a Revelação de S. João é parte da Palavra de Deus. Esta consideração resolve todo o problema. O simples fato de um livro ter sido dado pelo Todo-Poderoso ao homem constitui em obrigação para o homem esforçar-se em compreendê-lo. Pode ser difícil fazê-lo. Podemos ser derrotados por muito tempo. Nem por isso vamos nos esforçar menos; usando de todos os instrumentos que estão a nossa disposição, e vigiando, se ainda nos sentimos nas trevas, pelos primeiros sintomas de luz. Nada é mais certo do que isso, se não fosse obrigação nossa que usássemos este livro, o exaltado Redentor não o teria dado por revelação ao Seu servo João" (*Lectures On the Apocalypse*, pág. 4).

Muitos estudantes, antes e a partir de Lange, expressaram a mesma esperança pronunciada em 1870: "Sem dúvida, no futuro, a importância e a influência deste Livro vai constantemente aumentar com o aumento da confusão e desalento dos tempos, com o aumento do perigo que oferecem à fé sadia e sóbria (*Revelation*, pág. 63).

O Texto. Os tradutores do passado responsáveis pela Versão "King James" (*Authorized Version of the New Testament*) tomaram por base o texto grego conforme idealizado por Erasmo. Para o Apocalipse, Erasmo só tinha um manuscrito grego, um cursivo do século XIII, e até mesmo este era de qualidade inferior. Por esse motivo há muitas palavras e passagens na A.V, que não repousam sobre manuscritos mais antigos e mais dignos de crédito. Desde então os grandes manuscritos gregos do Novo Testamento, tais como o Sinaiticus, o Alexandrino, etc., têm se tomado conhecidos e foram devidamente estudados. Conseqüentemente, para todos os propósitos de estudos sérios do Apocalipse, deve-se usar a R.V, de 1891, ou alguma versão posterior. (O grande valor do atualmente famoso Papiro Chester Beatty do Apocalipse, provavelmente do começo do terceiro século, não requer considerações em nosso necessariamente breve comentário).

O Esboço do Livro. Muitos e diferentes esquemas têm sido apresentados para o arranjo ou classificação dos vinte e dois capítulos do Apocalipse, alguns inteiramente fantásticos. É de minha opinião que tais esquemas que tentam estabelecer um esboço com base nos sete setes deste livro são forçados e artificiais. Assim, por exemplo, é o esboço de Benjamin Warfield: as sete igrejas (1:1 – 3:22); os sete selos (4:1 – 8:1); as sete trombetas (8:2 – 11:19); as sete figuras místicas (12:1 – 14:20); as sete taças (15:1 – 16:21); o juízo sétuplo da meretriz (17:1 – 19:10), e a trombeta sétupla (19:11 – 22:5). Todos concordariam que quatro dessas divisões são inescapáveis: as sete igrejas, o livro dos sete selos, as sete trombetas, e as sete taças do juízo. Mas o conceito do **sete** não se encontra nas outras seções. Depois de estudar este volume durante anos, finalmente eu me apercebi de um esboço, o qual, creio eu, não é forçado,

e no entanto é fácil de recordar. Deixando de lado o prólogo (1:1-8) e o epílogo (22:6-21), o livro pode ser logicamente dividido assim:

ESBOÇO

- I. As cartas às sete igrejas da Ásia. 1:9 – 3:22.
- II. O livro com os sete selos e os acontecimentos terrenos que ele anuncia. 4:1 – 6:17.
- III. Os juízos anunciados pelas sete trombetas. 7:1 – 9:21.
- IV. A hora mais negra da história universal. 10:1 – 13:18.
- V. As sete taças do juízo. 14:1 – 16:21.
- VI. Babilônia e Armagedom. 17:1 – 19:21.
- VII. O Milênio; o Juízo Final; a Nova Jerusalém e a Eternidade. 20:1 – 22:5.

Observe que esta divisão se encaixa na seguinte seqüência de grupos de capítulos - 3 - 3 - 3 - 4 - 3 - 3 - 3.

COMENTÁRIO

I. As Cartas às Sete Igrejas. 1:1- 3:22.

Apocalipse 1

1:1-8. Embora a idéia exata de *cartas* às sete igrejas não se encontre realmente no capítulo 1, no versículo 4 temos a frase, **João, às sete igrejas que se encontram na Ásia**, e mais adiante (v. 11) João recebe a ordem de escrever o que ele vê e enviá-lo às sete igrejas. A localização das sete igrejas é examinada no comentário do capítulo 2.

O capítulo 1 contém uma revelação rica, quase ofuscante do próprio Jesus Cristo. Os versículos 4-8 apresentam três descrições básicas de Cristo. Parece que João descreve o Cristo que ele conhece, pois não há nenhuma indicação de que ele recebesse aqui alguma revelação especial. Este é o Cristo do passado, do presente e do futuro, conforme

apresentado na frase, **daquele que é, que era, e que há de vir** (v. 4). No passado, Cristo foi a **fiel testemunha** e **o primogênito dos mortos**; no presente, Ele é **àquele que nos ama e nos libertou dos nossos pecados** (v. 5); no futuro, **vem com as nuvens e todo olho o verá ... e todas as tubos da terra se lamentarão sobre ele** (v. 7). A declaração de que Cristo nos constituiu **reino, sacerdotes para o seu Deus** (v. 6) é a declaração básica de Êx. 19:6, séculos mais tarde citada por Pedro (I Pe. 2:5, 9). A passagem referindo-se ao futuro tem dupla referência no V.T.: em Dn. 7:13 o Filho do homem é descrito vindo com as nuvens, e o fato de que todos o verão está em Zc. 12:10, 12. A palavra aqui traduzida para **traspassaram** aparece em outra passagem do N.T. apenas em Jo. 19:37 (cons. Zc. 12:10).

Sempre achei que a frase, **o soberano dos reis da terra** (1:5), é o título-chave para Cristo no livro do Apocalipse. Muitos outros reis são mencionados neste livro: reis de nações que saíram para lutar contra o Cordeiro, o rei do abismo, etc. Não há nenhuma indicação até o final do livro de que os reis da terra reconheçam Cristo como o Rei dos reis. Na verdade, o livro do Apocalipse é quase um registro do cumprimento deste título de Cristo com a final preeminência para a qual o título aponta.

9-11. Temos aqui as palavras que Cristo *falou* ao apóstolo, uma breve ordem a que registrasse o que veria, e instruções a que enviasse a transcrição quando terminada. Não há nenhuma dúvida de que o **dia do Senhor** aqui (v. 10) refere-se ao dia que conhecemos por domingo.

12-19. Nesta descrição do Senhor que ascendeu ao céu, o Cristo que João viu estava andando no meio dos **sete candeleros de ouro**, os quais representam simbolicamente as sete igrejas (veja v. 20). Aqui como em Dn. 7:13, nosso Senhor é chamado de **filho de homem** (Ap. 1:13), um título que só se encontra em mais uma passagem deste livro (14:14). As diversas frases usadas na descrição do Cristo são extraídas principalmente de Dn. 7:9, 13; 10:5, 6; Ez. 1:24. Toda a descrição nos dá em primeiro lugar uma esmagadora impressão de onipotência, e então

certos símbolos nos levam a pensar no juízo, como a chama de fogo, o latão reluzente e a espada de dois fios.

Cristo identifica-se com o título **o primeiro e o último** (Ap. 1:17), um título usado com referência ao próprio Deus em Is. 44:6; 48:12. Observe que Cristo apresenta as razões por que aqueles que são seus não devem temer: 1) Ele é o Primeiro e o Último, e **aquele que vive**; 2) Ele estava morto, mas viveu novamente; e 3) Ele tem as chaves da morte e do Hades (vs. 17, 18). Se Ele é o Primeiro e o Último, então Ele é o Cristo da criação no passado, e Aquele que vai levar todas as coisas à divinamente ordenada consumação no fim. Ele permanecerá quando todos os Seus inimigos já tiverem sido derrotados, e Satanás e toda a sua corte estiver derrotada para sempre. O fato de ter estado morto, identifica Cristo com a mais trágica de todas as experiências humanas. Nenhum simples ser humano pode vencer a morte – mas Cristo pôde. Assim como Ele esteve morto mas agora vive, nós, que somos Seus, embora morramos, estaremos para sempre vivos com Ele. O fato de Ele ter **as chaves da morte e do inferno** certamente implica em que o destino das almas humanas está sob a jurisdição de Jesus Cristo.

O versículo 19 foi interpretado por muitos como indicando uma divisão tripla, do livro do Apocalipse, na qual **as coisas que viste** referem-se ao capítulo 1, **e as que são**, às sete igrejas nos capítulos 2 e 3 **e as que não de acontecer depois destas**, ao restante do livro. Na verdade, esta classificação não ajuda muito na interpretação. Deve-se lembrar, entretanto, que as palavras aqui traduzidas **para depois destas**, *meta tauta*, aparecem nove vezes no livro do Apocalipse (4:1; 7:1; 7:9; 9:12; 15:5; 18:1; 19:1; 20:3).

20. Não estamos absolutamente seguros do que João quis dizer com a declaração **as sete estrelas são os anjos das sete igrejas**. Esta palavra traduzida para anjo aparece setenta e seis vezes no Apocalipse. Fundamentalmente, a palavra significa *mensageiro*. Alguns crêem que simplesmente se refere a alguma pessoa de liderança em cada igreja; outros dizem que implica em que cada igreja tem o seu anjo

representante no céu. Estes "anjos" são pelo menos aqueles através dos quais estas mensagens deveriam ser enviadas às sete igrejas.

O termo **Ásia**, E.R.C. (v. 11) tem tido diversos significados através dos séculos. No N.T., **Ásia**, E.R.C., era o nome da província romana localizada no extremo oriente do que hoje se chama de **Ásia Menor**. Era a maior e a mais importante de todas as províncias romanas desta área, abrangendo os distritos da **Cária**, **Lídia** e **Mísia**. As sete igrejas mencionadas nas cartas estavam todas localizadas no centro-oeste desta província. Começando por **Éfeso** no sudoeste e dirigindo-se para o noroeste, chegamos a **Esmirna** e **Pérgamo**; voltando-se para o leste e sul, chegamos a **Tiatira**, **Sardes**, **Filadélfia** e **Laodicéia**. Um círculo ao redor dessas cidades não teria um raio superior a sessenta milhas. Que essas canas do Senhor ressuscitado deveriam se dirigir às igrejas na **Ásia** não é difícil de entender, uma vez que foi lá que João morou durante muitos anos, e sem dúvida era bem conhecido pelas igrejas desta área. Por que estas igrejas em particular foram escolhidas, não temos certeza. Paulo passou um longo período em **Éfeso** na sua terceira viagem missionária (Atos 19; 20:16, 17); **Lídia** era de **Tiatira** (Atos 16:14); e **Epafras** trabalhava em **Laodicéia** (Cl. 2:1; 4:12-16). Contudo, nada sabemos do trabalho de Paulo em seis dessas sete cidades, e quatro delas não aparecem em nenhuma outra passagem do N.T. Mais ainda, sabemos que existiam igrejas, no fim do primeiro século, em algumas cidades da **Ásia** que nunca foram mencionadas no N.T. Antes que Paulo completasse sua terceira viagem missionária, "todos os que habitavam na **Ásia** ouviram a palavra do Senhor Jesus, assim judeus como gregos" (Atos 19:10, 26).

Todas estas cartas seguem a mesma seqüência. Cada uma começa com uma frase descritiva do Cristo exaltado, que se dirige às igrejas; e cada frase descritiva se encontra no capítulo precedente na narrativa que João faz de sua visão do Cristo ressuscitado. Em cada carta, com exceção das que se dirigem a **Laodicéia** e **Sardes**, as primeiras palavras de Cristo são de recomendação. Esta recomendação sempre se segue de

alguns detalhes relacionados com a condição da igreja, resultando em alguma reprimenda ou advertência – com exceção de Filadélfia e Esmirna, que não recebem reprimendas. Cada carta conclui com uma promessa àqueles crentes que vencem.

Observe as muitas referências às coisas de **Satanás**: duas vezes lemos "a sinagoga de Satanás" (2:9; 3:9); em **Pérgamo** estava "o trono de Satanás" (2:13); na carta a Tiatira menciona-se "as profundezas de Satanás" (2:24); em relação a Esmirna, adverte-se que o diabo lançaria alguns deles na prisão. Além disso, encontramos referências à maldição dos nicolaítas, a presença dos perniciosos ensinamentos de Balaão (2:14), e a repreensão feita a Tiatira por suportar a presença de alguém chamada Jezabel (2:20).

Por três motivos abstenho-me, neste rápido exame do Apocalipse, de um estudo detalhado de cada uma dessas cartas: Em primeiro lugar, estes dois capítulos não apresentam maiores problemas escatológicos, enquanto que o significado exato de algumas das promessas que aqui se encontram, se fossem examinadas, exigiram comentários extensos. Em segundo lugar, estas cartas são muito mais usadas em mensagens expositórias do que qualquer outra parte deste livro, e são mais ou menos conhecidas da maioria dos estudantes da Bíblia. Em terceiro lugar, para discutir os elementos históricos relevantes de cada uma destas cidades, eu me obrigaria a abreviar a exposição posterior dos problemas básicos da interpretação profética.

Apocalipse 2

2:1-7. Éfeso era a maior cidade da Ásia. É a única destas sete que ocupa um lugar triplo na literatura do N.T.: recebe bastante destaque em Atos (18:18 - 19:41); a esta igreja Paulo escreveu uma de suas epístolas; e a ela o Senhor que ascendeu ao céu enviou uma carta. Depois de elogiar a igreja pelo seu trabalho, paciência e intolerância para com os pseudo-apóstolos, o Senhor refere-se a uma trágica deficiência - ela perdera o seu primeiro amor (v. 4).

G.Campbell Morgan relaciona esta passagem com as palavras de advertência de Paulo à igreja de Corinto: "Pois eu a dei por esposa a um marido, para que a pudesse apresentar como virgem pura a Cristo. Mas temo, e espero que não aconteça, que tal como a serpente envolveu Eva em sua malícia, suas mentes se corrompam afastando-se da simplicidade e pureza que há em Cristo... Os elementos do primeiro amor são, então, a simplicidade e a pureza... O amor da Igreja por Cristo está exemplificado pelo amor da esposa w marido. Qual é então o amor de Cristo pela Igreja? Amor altruísta, amor no qual não há o menor lugar para o ego. Qual é então o amor da Igreja por Cristo? A resposta do amor ao mistério do amor, a submissão do amor ao amor perfeito. Primeiro amor é o amor do casamento. Suas características são a simplicidade, pureza, amor conjugal, reação do amor ao amor, a sujeição de um grande amor ao grande amor, a submissão de um amor auto-renunciante a um amor que nega o próprio ego. O primeiro amor é o abandono de tudo por um amor que também abandonou tudo" (*A First Century Message to Twentieth Century Christians*, págs. 40-42).

8-11. A palavra **Esmirna** relaciona-se com a palavra *mirra*, que por sua vez é símbolo de morte. A história de Esmirna tem sido uma sucessão de saques, incêndios, destruições. Policarpo, um dos mais famosos mártires da antiguidade, foi Bispo de Esmirna. Esta cidade é a única das sete que ainda está em condições de desenvolvimento.

12-17. De **Pérgamo** um antigo escritor disse que "entregou-se à idolatria mais do que toda a Ásia". A elevada montanha que ficava por trás dela era adornada com numerosos templos, entre os quais se encontrava o grande templo de Zeus, que era chamado *Soter Theos*, o Deus Salvador. Pérgamo foi a primeira cidade na Ásia a erigir um templo em honra de Augusto. Ficou famosa por suas escolas de medicina; e Asclépio, deus da saúde, simbolizado por uma serpente, era ali adorado. Ramsay diz: "Além de todas as cidades da Ásia Menor, ela dá ao viajante a impressão de ser a sede da autoridade". Como é apropriado então que lá fosse, segundo se diz, o trono de Satanás. Muito

se tem discutido sobre o que exatamente eram os nicolaítas (aqui e em 2:6). De algum modo eles encorajavam alguns na igreja a retomarem à frouxidão pagã dos costumes.

18-29. Em **Tiatira**, a menor destas sete cidades, a igreja permitira que uma falsa profetiza a instruisse, levando seus membros à prática da imoralidade e idolatria. Por este motivo o Cristo que se lhe dirigia está descrito como Aquele que executa juízo. Aos vencedores desta cidade Cristo promete privilégios semelhantes aos que Ele mesmo possuía (veja 12:5; 19:15; 22:16).

Apocalipse 3

3:1-6. No tempo de João, **Sardes**, antes capital do antigo reino de Lídia, era comparativamente insignificante. Até a igreja participava dessa humilhação – **tens nome de que vives, e estás morto** (v. 1).

7-13. Só a carta à igreja de Filadélfia não contém nenhuma palavra de repreensão. Até os dias de hoje esta cidade asiática tem um grupo de cristãos. Embora tão digna, esta igreja, não obstante, estava para conhecer um período de provação. Observe atentamente que a palavra aqui é provação não tribulação. Mas na tentação os crentes Seriam divinamente guardados (veja Jo. 17:15).

3:14-22. A última carta é à **Laodicéia**, que não recebe nenhum elogio. As condições desfavoráveis desta igreja eram de mornidão: os membros não eram nem frios nem quentes (v. 15). A pessoa morna não se perturba muito quando ouve ensinamentos heréticos, e não é vigorosa na defesa da verdade. Este espírito de indiferença é a coisa mais trágica que pode acontecer a uma igreja. O final desta carta é diferente da conclusão das outras seis pelo fato de fazer uma aplicação individual: **se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa**, etc. (v. 20).

Através dos séculos, os estudantes têm defendido quatro diferentes pontos de vista sobre as mais profundas implicações desta série de sete cartas. Primeiro, há a interpretação histórica – que estas igrejas existiram

quando João escreveu e tinham as características aqui descritas. Segundo, há a opinião – sem dúvida correta – de que estas igrejas, além de serem históricas, são representantes dos diferentes tipos de igrejas através dos séculos. De acordo, manifestam as boas e as trágicas características nas igrejas, século após século. As advertências e as promessas, então, são para todas as épocas. Há uma terceira e um tanto fantástica opinião de que estas profecias devem ser interpretadas futuristicamente; isto é, que todas essas cidades serão restauradas no final dos tempos, e então as predições serão inteiramente cumpridas. Um quarto ponto de vista, defendido por muitos, é o de que estas sete igrejas representam sete períodos sucessivos da história da igreja, desde o primeiro século até o fim dos tempos. Eu pessoalmente não sigo esta interpretação, e o estudo das obras de seus proponentes revelam confusão sobre confusão. Virtrina, por exemplo identifica a sexta igreja com o primeiro século da Reforma, e a sétima com a igreja Reformada do seu tempo. Geralmente, os escritores que aceitam este ponto de vista proclamam que estão no período de Laodicéia. Parece que a mornidão e a indiferença marcará a igreja do final dos tempos, particularmente a indiferença quanto às grandes doutrinas da fé e a falta de vontade de defendê-las.

II. O Livro dos Sete Selos e os Acontecimentos Terrestres que Anuncia. 4:1 - 6:17.

Embora hajam alguns elementos escatológicos no retrato de Cristo no primeiro capítulo, e alguns elementos preditivos nas cartas às sete igrejas, mas não se estendendo ao fim dos tempos, a porção verdadeiramente profética do Apocalipse começa com a seção que vamos agora examinar. Conforme observamos na Introdução, a parte maior desta seção é de natureza introdutória, pois a cena registrada nos capítulos 4 e 5 é celeste. Na verdade, predições sobre acontecimentos futuros distantes não começam até o capítulo 6. João vê agora uma porta

abrindo-se no céu, e ouve uma voz dizendo: "Sobe aqui, e mostrar-te-ei as coisas que depois destas devem acontecer". (Para outras ocasiões em que o céu se abriu, veja Ez. 1:1; Mc. 1:10; Jo. 1:51). Muitos comentadores colocam o "arrebatamento" da Igreja entre os capítulos 3 e 4 deste livro, mas visto que o texto propriamente dito silencia sobre o assunto, pergunta-se se seria sábio discutir o assunto a esta altura.

Apocalipse 4

4:1-3. Exatamente como o livro do Apocalipse começa com uma referência ao trono de Deus, e a carta a última das sete igrejas termina com uma referência ao trono de Cristo, aqui, a primeira grande visão profética começa com a declaração, **e eis armado no céu um trono** (Dn. 7:9). Um trono é o símbolo do governo e poder. João tenta registrar uma visão de Deus semelhante a que foi vista por Moisés (Êx. 19:9,19), por Isaías (6:5), e por Ezequiel (1:26-28). O vidente compara o que viu a três pedras: **jaspe**, uma pedra transparente como vidro ou cristal de rocha; a **sardônica**, vermelha; e a **esmeralda**, verde. No peitoral do sumo sacerdote a primeira e a última pedras eram a sardônica e jaspe (Êx. 28:17, 20). Sugeriu-se que estas pedras representam santidade, ira e misericórdia. À volta do trono havia um arco-íris, o qual fala de graça, ou, como diz Hengstenberg, "da graça que retoma depois da ira".

4,5. O primeiro grande grupo celestial deste livro está sendo agora apresentado: vinte e quatro anciãos assentados sobre vinte e quatro tronos situados à volta do trono de Deus (veja também 11:16), vestidos de vestes brancas e usando **coroas** (*stefanoi*) de ouro. Stefanoi eram coroas concedidas aos vencedores. Tem-se identificado estes anciãos de muitas maneiras, mas a maioria concorda com Govett de que são "conselheiros reais, conhecedores dos propósitos do rei, e capazes de transmitir inteligência a João, o servo de Deus" (Robert Govett, *Lectures on the Apocalypse*, in loco). Vinte e quatro como número simbólico só se encontra no Apocalipse, e só em relação a estes anciãos (5:8; 11:16; 19:4). (Para uma discussão detalhada da identidade dos anciãos, veja

G.H. Lang, *The Revelation of Jesus Christ*, pág, 124-136). Do trono partiam relâmpagos, vozes e trovões, e, além disso, João viu sete lâmpadas de fogo, que ele identifica como símbolos dos sete espíritos de Deus. O conceito dos **sete espíritos de Deus** certamente se refere à perfeição e plenitude das atividades da Terceira Pessoa da Deidade.

6,7. Diante do trono havia um **mar de vidro** (cons. Êx. 24:10), indicando, ao que parece, de que tudo o que o mar antes representava – tempestades e ondas traiçoeiras, simbólicas da agitação entre os povos da terra – estava agora subjugado.

Outro grupo, **quatro seres viventes**, é apresentado – um semelhante a um leão, um semelhante a um bezerro, um com o rosto de homem, e um semelhante a uma águia voando (parecidos com os de Ez. 1:5-14, 15-22; 10:20-22). Swete, com característica concisão, diz acertadamente, "As quatro formas sugerem o que há de mais nobre, mais forte, mais sábio e mais rápido na natureza animada. A natureza, incluindo o homem, está representada diante do trono tomando parte no cumprimento da vontade divina e na adoração da majestade divina" (H.B. Swete, *The Apocalypse of St. John*, in toco). Eles reaparecem em Ap. 6:7; 7:11; 14:3; 15:7; 19:4.

8-11. Com a apresentação das quatro criaturas viventes, temos o primeiro dos vinte hinos, como poderiam ser chamados, cantados pelos diversos grupos celestes através do livro do Apocalipse. Cinco deles estão nestes dois capítulos prefaciando a abertura dos selos. Os dois primeiros são hinos a Deus: um é cantado pelas criaturas viventes atribuindo santidade a Deus (4:8) e o outro pelos vinte e quatro anciãos reconhecendo Deus como Criador. As palavras iniciais do primeiro hino fazem-nos lembrar de Is. 6:3, tecnicamente conhecido na antiga hinologia como o *Trisagion*. O terceiro e quarto são hinos ao Cordeiro, cantados pelos dois grupos que acabamos de mencionar, reconhecendo que o Cordeiro é digno de abrir o livro (Ap. 5:9, 10; 5:11, 12). O quinto hino é cantado a ambos, Deus e o Cordeiro, por "toda criatura que há. no

céu e sobre a terra, e debaixo da terra' (v. 13), atribuindo-lhes bênçãos, honra, glória e domínio.

Apocalipse 5

5:1-5. João acrescenta alguns detalhes com referência Àquele que está assentado sobre o trono, do qual se diz que tem em Sua mão direita **um livro escrito por dentro e por fora, de todo selado com sete selos.** Se este livro é um códice igual aos livros de hoje, com os sete selos distribuídos mais ou menos igualmente sobre os lados, a pane de cima e de baixo, ou um pergaminho com os sete selos em linha contínua, não sabemos. Ouve-se novamente uma voz, a de um forte anjo, perguntando quem é **digno** de abrir este livro (v. 2). A resposta é que ninguém no universo é digno. Então um dos anciãos (v. 5) anuncia que **o Leão da tribo de Judá** (Gn. 49:9), **a Raiz de Davi** (Is. 11:1, 10), é *digno* de abrir este livro, por dois motivos: primeiro, Ele **venceu**, o que parece se referir a derrota, na terra, de Satanás e todo o poder do mal; e, em segundo lugar, pela Sua obra redentora comprou-nos para Deus, com o Seu sangue (Ap. 5:9). Observe a universalidade dos redimidos no versículo 9.

6,7. Não é sem grande significação que a obra redentora de Cristo está revelada como de importância preeminente no pensamento destas criaturas celestiais e no programa de Deus a ser consumado neste livro. A palavra que aqui foi traduzida para **morto** (v. 6) só aparece aqui, nos versículos 9, 12 e em 13:8. "É o 'sangue' mais do que a 'morte' que dá a idéia do sacrifício; pois pode-se morrer sem ser morto e ser morto sem que seja feito um sacrifício" (R.C.H. Lenski, *The Interpretation of St. John's Revelation*, in loco).

8-14. Aqui a harpa é mencionada pela primeira vez (reaparecendo em 14:2 e 15:2). Esta idéia de um novo cântico se encontra freqüentemente no V.T., como em Sl. 33:3; 40:3; 96:1; 98:1; 149:1. Apocalipse 5:10 é praticamente uma reafirmação da verdade expressa em 1:6. Aqui eu penso, pela primeira vez temos o conceito do reino dos

santos e de um reino. Observe cuidadosamente a declaração, *eles reinarão sobre a terra*.

Estamos agora preparados para a abertura dos selos propriamente ditos, mas antes de começarmos o estudo do capítulo 6, observe – um ponto muitas vezes passado despercebido – que, enquanto os selos são abertos, o livro mesmo jamais é aberto. Isto, é claro, leva a muitas sugestões quanto ao conteúdo do livro. Simcox diz, certamente errando, que é o Livro da Vida. Irineu insiste que continha "as coisas de Cristo". Swete tem segurança ao dizer que o seu conteúdo abrange o futuro desconhecido, e assim ele o intitula de "o livro do destino". Milligan diz que contém "todo o conselho de Deus". Só cinco selos são abertos neste capítulo; o sétimo não é aberto até que os juízos vão ser anunciados pelas trombetas (8:1). Destes seis selos, os quatro primeiros formam um grupo; o quinto e o sexto ficam à parte. Cada um dos quatro primeiros é apresentado por um cavaleiro, donde surgiu a famosa frase, "os quatro cavaleiros do Apocalipse".

Apocalipse 6

6:1-8. A identidade do primeiro cavalo será em grande parte determinado pela identificação dos três seguintes. O segundo cavalo com o seu cavaleiro, foi-lhe **dado tirar a paz da terra**, e isto, com as palavras *matar* e **espada**, indica guerra. O terceiro cavalo com o seu cavaleiro certamente representa falta de alimento, embora não propriamente uma fome. (A moeda romana *denarius*, era equivalente ao salário de um dia de serviço. Uma medida de trigo ou cevada era a média da porção diária dos trabalhadores.) O quarto cavalo com o seu cavaleiro, mais terrível do que qualquer um dos outros, leva o nome de Morte. A eles foi dada autoridade sobre um quarto da terra, **para matar à espada, pela fome, com a mortandade e por meio das feras da terra**.

À luz do significado do segundo, terceiro e quarto cavaleiros, parece-nos que seria irracional identificar o primeiro cavaleiro com o Senhor Jesus Cristo, que é o cavaleiro sobre o cavalo branco em

Apocalipse 19. Quando Cristo vier, "conquistando e para conquistar", não haverá juízos subseqüentes, tais como o segundo, terceiro e quarto cavalos representam. Swete está certo em dizer do primeiro cavalo que "uma visão do Cristo vitorioso seria inadequada no começo de uma série que simboliza derramamento de sangue, fome, pestilência". Até mesmo Torrance o discerne, embora adote um esquema de interpretação estritamente espiritual: "Pode haver alguma dúvida de que isto é uma visão do anticristo? Parece-se tanto com o Cristo verdadeiro que engana as pessoas, até muitos leitores desta passagem! ... Ele se aplica a todo o mal que se baseia no bem e a tudo o que a maldade espiritual conquista emprestando da Fé Cristã" (Thomas F. Torrance, *The Apocalypse Today*, pág. 44).

Observe que nestas quatro primeiras cenas não há nomes de indivíduos, humanos ou sobre-humanos, nem termos geográficos, nem acontecimentos específicos. Os juízos são, como se vê, de natureza geral:- guerras têm acontecido com freqüência sobre a terra, e são freqüentemente acompanhadas de pestes e falta de alimentos, se não de fomes. Parece, então, que é apenas urna fase preliminar de juízos mais terríveis que vêm a seguir.

9-11. A abertura dos quatro primeiros selos forma uma unidade. Na abertura do quinto Selo temos o que eu chamaria de primeiro, verdadeiramente difícil problema no livro do Apocalipse. Aqui estão as almas dos homens que foram **mortos por causa da palavra de Deus, e por causa do testemunho que sustentavam**. Em outras palavras, os mártires, que perguntavam ao Senhor ressuscitado, **Até quando . . . não julgas nem vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?** A resposta é dupla. Primeiro, cada um recebe uma longa veste branca (v. 11), símbolo dos atos de justiça dos santos (cons. 19:8), de modo que, mesmo antes do fim, estes mártires recebem de algum modo uma antecipação da glória por vir. São informados que devem permanecer como estão **até que também se completasse o número de seus conservos e seus irmãos**, que tinham de ser mortos. Embora não se diga

especificamente em que período de tempo estes mártires devem ser colocados, o sexto selo certamente fala de tremendas aberrações celestiais que jamais tiveram lugar, mas que acontecerão no fim desta dispensação. Conseqüentemente, eu acho que são os que sofreram o martírio nos dias imediatamente precedentes à Tribulação. Moorehead pode estar certo ao dizer, "Tanto faz o que as pessoas dizem em oposição a este argumento, na verdade eles foram mortos por ordem destes cavaleiros". O comentário de Torrance aqui é excelente: "Depois das terríveis calamidades que os poderes do mundo desencadearam sobre si mesmos, eles tentam negar o fato de que são a causa de todo o mal e comoção, e por isso voltam-se contra o povo de Deus e descarregam sua raiva contra ele, o bode expiatório" (*op. cit.*, pág. 46).

12-17. Acontecimentos que se revelam na abertura do sexto selo devem ser colocados no final desta dispensação. Este é talvez o lugar certo para os fenômenos celestes, tão freqüentemente mencionados nas Escrituras do V.T. e N.T. em passagens relacionadas com o fim dos tempos. Com o advento do Sputnik, um certo número de artigos foi publicado sobre este assunto, alguns dos quais contêm declarações bastante tolas. O assunto dos distúrbios celestes foi apresentado pela primeira vez por Joel, em textos que claramente apontam para "o dia do Senhor" (1:15; 2:1-11, 30, 31). Uma passagem de Joel (2:28-32a) foi citada por Pedro em seu grande sermão no dia de Pentecostes (Atos 2:16-21). Até aquele tempo não houve nenhum distúrbio celeste, o quanto sabemos. Essas predições foram reiteradas por Isaías, também, em relação ao "dia do senhor" (13:6-10; 24:21-23). Nosso Senhor colocou muita ênfase sobre este aspecto da escatologia, em particular, no Seu Discurso nas Oliveiras (Mt. 24:29, 31; Mc. 13:24-26; Lc. 21:11, 25). Todas estas declarações referem-se ao período "depois da tribulação" (Mt. 24:29), com exceção de Lc. 21:11, que dão a entender que haverá alguns distúrbios celestes antes mesmo que a Tribulação se estabeleça.

Entretanto, é principalmente no Apocalipse que esses distúrbios foram registrados como acontecendo. O primeiro se nos apresenta na

passagem que está diante de nós, por ocasião da abertura do sexto selo. Mas esse tipo de fenômeno ocorre quatro vezes durante o juízo das trombetas, no primeiro, terceiro, quarto e quinto (8:8 – 9:2). Durante o derramamento da quarta. taça, parece que o sol será afetado (16:8), e durante o derramamento da sétima, grandes pedras cairão do céu sobre os homens (16:17-21).

Um estudo cuidadoso destas passagens parece revelar que não devemos pensar, com significado profético, em nenhuma aberração celeste fora do comum, antes do período da Tribulação. Isto se aplica especialmente aos inventos dos homens, importantes como são; pois as manifestações celestiais mencionadas nas passagens proféticas serão resultantes da interferência direta do próprio Deus. Em duas ocasiões no passado, os homens experimentaram juízo divino na forma de grandes trevas: por ocasião da nona praga no Egito (Êx. 10:21-23); e durante as últimas três horas de nosso Senhor sobre a cruz (Mt. 27:45 e paralelos).

III. Os Juízos das Sete Trombetas. 7:1 – 9:21.

Apocalipse 7

7:1-8. A segunda série de juízos é muitíssimo mais severa e extensa do que aquela que foi apresentada pela abertura dos selos. Antes que os sete anjos façam soar as sete trombetas, duas grandes multidões são apresentadas, uma na terra (7:1-8) e outra certamente no céu, **em pé diante do trono e diante do Cordeiro** (7:9-17). O primeiro grupo está identificado como os 144.000 **selados. . . de todas as tribos dos filhos de Israel** (v. 4). Não se diz que são mártires. O sinal dá a entender que este grupo particular será divinamente protegido nas tribulações que estão para se desencadear sobre a terra.

Tem havido muita discordância quanto à identidade dessas pessoas, resultando em quatro interpretações principais da passagem. Uma diz que deveriam ser consideradas de modo geral como "representantes de um processo contínuo de preservação sob as provações e aflições de

todos os tempos através dos séculos até o fim". Nada há no texto que pareça justificar tal designação indefinida desses grupos tribais. Outra opinião, mais ou menos parecida, identifica-as como os cristãos, a Igreja – e são pessoas de autoridade que o declaram, tais como Bengel, Alford, Lenski, David Brown, Milligan, etc. Entre as interpretações de menos importância encontra-se a opinião ridícula de Albert Barnes de que se refere às dez divisões da Igreja Cristã. Algumas seitas têm procurado se identificar com estes grupos, tais como os jezreelitas de gerações passadas.

Finalmente, há a interpretação literal, de que é uma profecia relativa aos filhos de Israel no final dos tempos. O grande mestre profético do século dezenove, J.H. Todd, resume a sua opinião, dizendo: "Restringindo-se estritamente ao fato revelado em muitas profecias, isto nos revela que no período mencionado na visão, o povo judeu estará existindo como nação, e a maioria se encontrará ainda em incredulidade". Este ponto de vista é defendido por Godet, Fausset, Nathaniel West e Weidner.

Fausset acrescenta: "Dessas tribos um remanescente crente será preservado do juízo que destruirá a Confederação anticristã (JFB). É significativo que a tribo de Dã seja omitida – para o que muitos motivos têm sido apresentados – e que Levi seja incluída. "Uma vez que as cerimônias levíticas foram abandonadas, Levi encontra-se novamente em situação de igualdade com seus irmãos" (Albert Bengel, *Introduction to the Exposition of the Apocalypse*, in toto). Em lugar de Efraim, foi usado a de José. Esta, na minha opinião, é a segunda passagem de especial dificuldade no Apocalipse.

9-17. A outra multidão é de natureza universal – certamente não confinada a Israel, mas de todas as tribos e povos agora na glória – cantando o grande hino a Deus e ao Cordeiro, junto com os anjos, os anciãos, e os quatro seres viventes. Estes, João foi informado, são aqueles **que vêm da grande tribulação, lavaram suas vestiduras, e as alvejaram no sangue do Cordeiro** (v. 14). **A grande tribulação** não

pode ser nenhuma outra a não ser aquela mencionada no Discurso das Oliveiras (Mt. 24:9, 21, 29). Toda a cena é celestial: O Cordeiro é apresentado como seu pastor e guia; faz-se a promessa de que Ele os guiará até as fontes das águas da vida; e, antecipando à posterior descrição detalhada da Cidade Santa, eles são informados de que Deus enxugará toda lágrima de seus olhos (Ap. 21:4).

Apocalipse 8

8:1-6. Os juízos das trombetas são revelados nos capítulos 8 e 9, e tal como aconteceu com os sete selos, os quatro primeiros vão juntos. Antes que uma trombeta seja tocada por um dos anjos, temos declarações referentes às orações dos santos (vs. 3,4). Talvez Todd esteja certo em pensar que podemos deduzir disto "que os juízos preditos nesta profecia serão a consequência, de algum modo notável, das orações dos santos clamando a Deus a que complete rapidamente o número dos Seus eleitos e que apresse a vinda do Seu reino" (*op. cit.*, pág. 131). Não há nenhuma referência aqui à doutrina católico-romana da intercessão pelos anjos ou santos. O trovão, as vozes, os relâmpagos e os terremotos são os precursores simbólicos dos juízos divinos que estão por vir sobre a terra.

Antes de examinarmos os juízos propriamente ditos, fazemos bem em recordar o significado das trombetas nas Sagradas Escrituras. Todos estes fenômenos (com exceção do terremoto) encontram-se na narrativa de Deus descendo ao Monte Sinai para se encontrar com Moisés, onde temos a primeira referência feita à **trombetas** na Bíblia (Êx. 19:16). O tocar das **trombetas** convoca os israelitas a receberem instruções (Nm. 10:3, 4) ou dando sinal de partida (Nm. 10:3-7); também os reunia para a guerra (Jr. 4:19; 42:14, etc.), e também para o retorno da dispersão (Is. 27:13); anunciava a libertação no ano do jubileu (Lv. 25:8-10), e aqui anuncia o juízo. Os juízos das trombetas são bastante semelhantes às pragas que Deus enviou ao Egito por ocasião da libertação de Israel, embora não aconteçam na mesma ordem.

7-13. O resultado do tocar da primeira trombeta é a consumação pelo fogo da terça parte da flora da **terra**. Ao tocar a segunda trombeta, uma terça parte do mar se transformou em sangue, um terço das criaturas do mar morreram, e uma terça parte dos navios foi destruída (cons. a primeira praga, Êx. 7:20-24). Com o tocar da terceira trombeta, uma grande estrela, ardendo como uma tocha, cai sobre os **rios e fontes** da terra, transformando-os em absinto e causando morte em larga escala. Os dois primeiros juízos afetaram a natureza, e o homem apenas indiretamente, mas a terceira provocou a morte de muitos. O tocar da quarta trombeta provoca distúrbios celestes, de modo que a terça parte do **sol, lua e estrelas** foi ferida, e sua luz diminuída (cons, com a nona praga, Êx. 10:21-23). Este milagroso eclipse do sol, da lua e das estrelas foi predito por Amós como um sinal da vinda do dia do juízo (Amós 8:9; veja também Joel 2:2, 10). Observe que todos estes quatro juízos relacionam-se com algum desastre incidindo sobre a natureza. (Weidner, *op. cit.*, tem um excelente resumo das diversas interpretações fantásticas desses quatro juízos das trombetas, págs. 343-345). Antes dos juízos das duas trombetas seguintes, ouve-se uma águia voando e gritando pelo meio do céu, **Ai, ai, ai, dos que moram na terra**. Esta é a primeira vez que a palavra traduzida para **ai!** aparece no Apocalipse.

Apocalipse 9

9:1, 2. Ao juízo da quinta trombeta, que é chamado de **o primeiro ai!** (v. 12), João dedica mais espaço do que a todos os juízos precedentes juntos. Talvez seja porque, além da identificação exata da Babilônia nos capítulos 17 e 18, o significado dos dois juízos neste capítulo apresenta o mais difícil de todos os problemas do Apocalipse. Provavelmente a **estrela** caindo do céu, à qual foi entregue **a chave do poço do abismo**, é, como diz Weidner, "um anjo mau, o instrumento da execução do propósito divino com referência ao mundo ímpio" (pág. 114; também Alford e outros). **O abismo** não é o inferno, mas a habitação atual do diabo e seus anjos, incluindo o Hades, onde estão as almas dos mortos

ímpios a espera do último juízo. Tão densa é a fumaça que sobe do abismo que obscurece o sol e o ar (veja 6:12; 8:12).

3-10. Também do abismo saem criaturas chamadas **gafanhotos** (v.3), com grande poder, que recebem permissão de atormentar os homens (embora não matá-los) por um período de cinco meses (v. 5). Tão intenso será o sofrimento dos homens que buscarão a morte em vão (v. 6). Os gafanhotos são usados na famosa profecia do livro de Joel como símbolo dos exércitos invasores. Em Jz. 6:5; Jr. 46:23; etc. os homens foram comparados a gafanhotos e nas passagens proféticas são símbolo do juízo divino (Dt. 28:38, 42; Naum 3:15, 17; Amós 7:1-3, etc.). Não é possível que examinemos aqui cada frase descritiva, mas podemos chegar a alguma conclusão sobre o que essas criaturas representam. Eu pessoalmente acho que não poderia ser mais específico do que Milligan, que disse – e certamente todos concordarão com isto – que o juízo se refere a "um grande derramamento de perversidade espiritual que agravará o sofrimento do mundo, fazendo-o perceber como a escravatura de Satanás é amarga, e ensinando-o que mesmo no meio do prazer seria melhor morrer do que viver".

11. A descrição conclui com a palavra de que sobre essas criaturas governa o anjo do abismo, chamado de **Abadom** em hebraico, e em grego de **Apoliom**, este último com o significado de "destruidor". Na Septuaginta a palavra tem este mesmo sentido em Jó 26:2; 28:22; Pv. 15:11, etc.; outra forma é a palavra traduzida para "perdição" em Mt. 7:13 e "destruirá" em II Ts. 2:8.

13-21. O tocar da sexta trombeta está identificado com **o segundo ai!** (11-14). Somos agora transportados a uma área geográfica conhecida nesta terra, ao rio **Eufrates** (v. 14), que aqui provavelmente deve ser entendido literalmente. Quatro anjos presos em algum lugar ao longo deste rio são agora soltos, **para que matassem a terça parte dos homens** (v. 15). Esta terrível destruição será realizada através de exércitos de cavalaria. Certamente chegamos aqui aos dias do começo do Anticristo. Todd disse, e Weidner e outros concordam, que "devemos

provavelmente encarar esta região como o cenário deste grande juízo, o que está em exata conformidade com as inferências às quais somos levados pelas profecias de Daniel, onde estes países na região do Eufrates, uma vez palco de poderosos impérios, estão destinados a se tornarem o cenário da última grande luta entre os príncipes do mundo e o povo de Deus".

O resultado de tudo isto não será uma volta a Deus, ou arrependimento, mas uma insistência teimosa nos pecados que provocaram este juízo, a adoração de demônios, idolatria, homicídio, feitiçarias, fornicação, e roubos. Na verdade, não posso descobrir nenhuma evidência no Apocalipse de que haverá um grande retorno a Deus, durante este período, enquanto estes terríveis juízos sobrevierem aos homens.

IV. A Hora Mais Negra da História Universal. 10:1-13, 18.

Apocalipse 10

O Anjo com o Livrinho. 10:1-11.

O capítulo dez apresenta um agradável interlúdio. **Outro anjo forte desce** do céu tendo um **livrinho** na mão, e quando João pretende registrar o que viu, ouve uma voz dos céus dizendo, **guarda em segredo as cousas que os sete trovões falaram, e não as escrevas** (v. 4; cons. Dn. 12:9). Ao que parece ele jamais chegou a registrá-lo, e portanto não sabemos o que os trovões disseram. O anjo enuncia uma declaração famosa e mais ou menos enigmática – dizendo que **já não haverá demora**; ou, como diz o comentário à margem, *não haverá mais tempo*. Swete traduz assim, *Não haverá mais nenhum intervalo, nenhuma delonga*. Esta declaração, ao lado da que se lhe segue imediatamente, que **cumprir-se-á, então, o mistério de Deus** (v. 7), convence-nos de que o propósito desta visão, e especialmente destas declarações, é preparar-nos para o derramamento final dos juízos divinos, ao aproximar-se o final dos tempos, e a destruição dos inimigos do

Cordeiro. O **livrinho** (v. 8) que João devia comer (cons. Ez. 3:1-3; Sl. 19:10, 11; Jr. 15:16) nunca foi aberto e por isso sua natureza exata tem de ser assunto controvertido. Mas Düsterdieck está bastante certo, eu acho, quando diz que "parece ser uma instrução e interpretação pessoais dadas ao vidente em relação às visões ainda pendentes, que deveriam continuar até o final. Quanto mais crescem em importância os assuntos das profecias que vêm a seguir, mais natural parece a nova e especial preparação do profeta" (pág. 308).

Apocalipse 11

As Duas Testemunhas em Jerusalém. 11:1-12. O décimo primeiro capítulo do Apocalipse sempre tem sido para mim de enorme interesse. A cena certamente acontece em Jerusalém, a qual embora chamada espiritualmente **Sodoma e Egito** (v. 8; cons. Is. 1:9, 10) é especificamente chamada de lugar **onde também o seu Senhor foi crucificado**. Os acontecimentos aqui registrados ainda não aconteceram, mas acontecerão literalmente na "cidade santa" no final dos tempos.

1,2. João recebe a ordem de pegar uma cana para medir **o santuário de Deus, o seu altar, e os que naquele adoram** (v. 1), o que certamente implica de que haverá alguma espécie de templo em Jerusalém nessa ocasião. Faz-se a declaração de que **a cidade santa será pisada por quarenta e dois meses** (v. 2), um período de tempo também encontrado em 13:5, idêntico aos 1.260 dias de 11:3 e 12:6. Eu o entendo como sendo a primeira metade do período de sete anos da nossa dispensação, ocorrendo a Grande tribulação na segunda metade, quando o Anticristo exercerá poder universal.

3-12. Duas testemunhas aparecem agora, enviadas por Deus a profetizar nesta cidade, embora não sejamos informados da natureza de sua mensagem. Elas são comparadas às duas oliveiras e castiçais (v. 4) descritas em Zacarias 4. Recebem poder sobrenatural, tal como Elias e Moisés (I Reis 17:1), para matar seus inimigos, provocar seca, transformar água em sangue, e ferir a terra com pragas a seu bel-prazer

(vs. 5, 6). Quando elas terminarem a obra de que Deus as encarregou, **a besta que surge do abismo pelejará contra elas, e as vencerá, e matará** (v. 7). Os corpos desses dois profetas são colocados na praça desta cidade, e homens de toda a terra virão olhá-los durante três dias e meio, e participarão de um regozijo quase que universal por causa da morte desses homens que os atormentaram e que agora, pensam eles, estão destruídos (vs. 8-10). Para espanto dos seus inimigos, passados três dias e meio, Deus os levanta e os chama para a glória, e eles sobem para os céus em uma nuvem (vs. 11, 12).

A pergunta é, quem são essas **duas testemunhas**? As respostas têm sido muitas. O texto não permite de modo nenhum, creio eu categoricamente, uma interpretação referindo-se a um movimento, ou, como Lange insiste, ao estado cristão e à Igreja Cristã (pois onde encontrar um estado cristão atualmente?), ou ao V.T. e ao N.T., ou à Palavra e ao Espírito, ou aos cristãos fiéis, como crêem Milligan e Swete. Eu acho que estas testemunhas devem ser consideradas como indivíduos. Muitos afirmam que são Moisés e Elias (Simcox, etc.), outros que são Enoque e Elias (Seiss, Lang, Govett). Mas com referência a tais opiniões eu concordo com a posição de Moorehead: "É extremamente improvável que aqueles santos, depois de séculos de bem-aventurança no céu, sejam enviados para a terra para dar testemunho aos judeus e gentios" (*op. cit.*, pág. 86). Francamente, acho que nada ganhamos em prolongarmos debates em relação à identidade delas. São duas testemunhas enviadas por Deus e revestidas por Ele de grande poder.

Embora o comentário de Govett sobre esses povos, tribos e nações que olham para aqueles corpos mortos (vs. 9, 10) fosse escrito em 1864, continua digno da nossa atenção: "A palavra *blepo*, isto é, *olhar para*, não indica que as nações simplesmente os verão, mas dirigirão seus olhos para esta grande visão e arregalarão seus olhos diante dela. 'Mas como', pergunta-se, 'os homens de toda a terra poderão se regozijar com a notícia quando apenas um intervalo de três dias e meio se colocará

entre a morte e a ressurreição deles? . . . ' Não é perfeitamente concebível se o telégrafo elétrico tiver se expandido com a rapidez dos últimos anos?" (*op. cit.*, pág. 243, 246, 247). Atualmente, com a televisão à disposição de todos, podemos entender melhor esta passagem.

As palavras de Lenski em relação a esses inimigos de Deus alegrando-se com a morte dos dois profetas (v. 10) provocam especiais cogitações: "O mundo perverso não pode esquecê-los e simplesmente continua em sua obstinação. Mesmo quando estão final e completamente silenciados, o mundo obstinado não consegue deixar de lado seu testemunho divino. Precisam falar nele, levar toda gente a olhar para aqueles lábios que já não falam mais. Aqueles que desprezam a Palavra não conseguem nunca livrar-se dela. Até mesmo o seu regozijo com o silêncio dela faz com que se ocupem da Palavra" (*op. cit.*, pág. 346).

13,14. Com a ascensão das duas testemunhas, Jerusalém experimenta um **grande terremoto**, resultando na morte de sete mil pessoas, **ao passo que as outras ficaram sobremodo aterrorizadas, e deram glória ao Deus do céu** (v. 13). Não encontramos convicção de pecado neste temor, apenas um sentimento de medo que logo passa.

A Sétima Trombeta e a Cena no Céu. 11:15-18.

Tal como na abertura do sétimo selo, quando o sétimo anjo faz soar a sétima trombeta, nenhum acontecimento imediato se segue e nenhum juízo imediato é anunciado. Antes, com o soar desta trombeta, temos uma cena no céu, e faz-se uma das maiores declarações de toda a Bíblia referentes a Cristo: "O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos" (v. 15). O mundo inteiro aparece agora sob um só poderoso governo universal.

Esta declaração é seguida por um hino de louvor oferecido pelos vinte e quatro anciãos a Deus Todo-Poderoso. Esta é a única ocasião em que os anciãos são descritos prostrando-se diante de Deus. Com o anúncio de que o reino de Deus através de Cristo está próximo, recebemos um resumo pitoresco (v. 18) dos acontecimentos que vão se

sucedem: 1) as nações estão iradas; isto é, haverá uma tentativa de agressão contra Cristo e os Seus; 2) a ira de Deus está para se desencadear; 3) os mortos serão julgados; 4) os crentes, aqui se dividem em três grupos – os profetas, os santos, e os que temem o Seu nome, serão recompensados; e 5) os destruidores estão para serem destruídos. A partir disto pode-se concluir com certeza que conforme se aproxima o tempo de Cristo assumir Sua autoridade real sobre esta terra, o ódio das nações da terra contra o povo de Deus vai se intensificar, e a oposição ao Evangelho vai aumentar.

11:19. A maioria dos estudantes concordará que 11:19 deve ser considerado como a introdução ao que está para ser revelado no cap. 12. Aqui novamente, como no começo das passagens dos sete selos (4:5) e das sete trombetas (8:5), relâmpagos, vozes, trovões e um terremoto. O que João vê agora no céu – um templo de Deus e **a arca da aliança** – apresenta um problema de interpretação. Esta não poderia ser realmente a arca do concerto que esteve no meio de Israel durante sua viagem pelo deserto (como alguns insistem); pois ela já não existia mais no tempo de Cristo. A palavra aqui traduzida para **templo** (E.R.C.), *naos*, significa "santuário" (E.R.A.), a parte interior do templo. Quando a Cidade Santa descer do céu, diz-se explicitamente que não haverá templo nela (21:22).

Apocalipse 12

A Mulher com o Menino. 12:1-17.

1-5. O capítulo 12 apresenta outro problema de identificação – a **mulher vista no céu . . . com dores de parto que deu à luz** (vs. 1, 2). Uma coisa parece certa – que esta criança "que há de reger todas as nações com vara de ferro" (v. 5) deve ser o Senhor Jesus Cristo (veja Sl. 2:9; Is. 66:7; Ap. 19:15). Muitas identificações têm sido sugeridas para a **mulher**. No período dos Pais da Igreja, Victorino dizia que era "a antiga igreja dos pais, e profetas, e santos, e apóstolos" (*Ante-Nicene Fathers*, VII, 355). Muitos escritores dizem que é Israel, de quem Cristo veio; enquanto outro, como Auberlen, Lenski, etc., interpretam-na mais

compreensivelmente como o Israel de ambos os Testamentos. Eu penso que podemos afirmar que seja Israel. A Igreja Católica Romana, é claro, insiste que é a Virgem Maria, mas a Igreja Romana também diz que Maria deu à luz sem dores, entrando em contradição com este versículo (veja Is. 66:7). Diante da mulher está o grande inimigo de Deus, o **dragão** (Ap. 12:4), que espera destruir Cristo. Mas fracassará no seu intento.

6. Eu, pessoalmente, creio como Weidner, Walter Scott e muitos outros, que este versículo é antecipatório e aponta para o tempo da tribulação de Israel no final dos tempos. Foi colocado aqui para enfatizar o fato de que Satanás, que odeia Cristo, e portanto o Seu povo, vai perseguir Israel de maneira especial conforme o tempo do fim estiver se aproximando.

7-9. Agora somos introduzidos ao que Swete designa corretamente de "a suprema tentativa da parte do dragão de destronar o Filho da Mulher, restabelecendo-se ele próprio na presença de Deus". São vários os termos designativos de Satanás neste parágrafo (v. 9), mais do que em qualquer outra simples passagem da Palavra de Deus: **o grande dragão, a antiga serpente ... diabo, e Satanás, e** – uma das mais terríveis frases nas Escrituras – não algo de que Satanás se glorie, mas algo que o céu reconhece – sedutor de todo o mundo (veja II Tm. 3:13; II Jo. 7). Aqui ele não é enfrentado por Cristo, mas por Miguel e seus anjos (Ap. 12:7; veja Dn. 10:13,21; Judas 9), que parece ser o líder da hierarquia angélica. Satanás é lançado fora dos céus. Talvez seja uma referência a algumas palavras de nosso Senhor relativamente à queda de Satanás (Jo. 12:31), embora eu esteja convencido de que a cena se desenrola no final desta dispensação. Observe que Satanás não é lançado no abismo, mas **foi atirado para a terra** (Ap. 12:9), exatamente antes que o Anticristo assumira seu reino terrível e temporário.

10-12. Nenhum detalhe se toma necessário aqui sobre o subsequente hino de regozijo. A ênfase está sobre o poder de Deus e a autoridade de Cristo. Os irmãos **venceram** Satanás por **causa do sangue**

do Cordeiro e por causa da palavra do testemunho que deram (v. 11). São vitoriosos porque deram um testemunho fiel até mesmo enfrentando a morte.

13-17. O que foi mencionado em antecipação no versículo 6 está declarado aqui com mais detalhes. O período de tempo designado **um tempo, tempos, e metade de um tempo** (v. 14), semelhante aos 1.260 dias no versículo 6, é o período da mais negra tribulação. A terra ajudando a mulher (v. 16) pode representar, como diz Walter Scott, os governos da terra tendo amizade com os judeus "e providencialmente (como, não sabemos) frustrando os esforços da serpente" (*Exposition of the Revelation of Jesus Christ, in loco*). A referência à mulher e sua **descendência** (v. 17) faz lembrar a primeira profecia messiânica (Gn. 3:15).

Apocalipse 13

O Aparecimento das Duas Bestas. 13:1-18.

1-10. Dois governantes terríveis entram em cena no capítulo 13, uma a **emergir do mar**, e o outro a **emergir da terra**. O **mar** aqui indubitavelmente é "um símbolo da superfície agitada da humanidade não regenerada, e especialmente da caldeira fervente da vida nacional e social da qual os grandes movimentos históricos do mundo se levantam" (Swete). A primeira besta, cujos chifres e diademas representam poder, recebe sua energia de Satanás (v. 2). É quase inacreditável que **toda a terra** venha a adorar o **dragão** e a **besta** (vs. 3, 4). Haverá muita religião na terra, mas será sem Deus e blasfema. A primeira besta se opõe a Deus (vs. 5,6); recebe sua energia de Satanás (v. 2,); é militarmente suprema (v. 4); possui poder de extensão mundial (v. 7); e persegue os santos de Deus (v. 7). Quem se atreveria a negar que o cenário da história universal está sendo rapidamente preparado por tendências que conduzirão finalmente ao governo e adoração de um tal monstro? Todos aqueles que não pertencem ao Cordeiro de Deus adorarão a besta.

11-15. Enquanto a primeira besta é sem dúvida um poder mundial político, a segunda (v. 11), como disse Lee, "é um poder mundial espiritual, o poder da ciência e do conhecimento, das idéias, do cultivo intelectual. Ambas são inferiores, ambas são bestas, e portanto estão em íntima afiança. A sabedoria anticristã secular está a serviço do poder anticristão mundano" (pág. 671). A segunda besta reforça as ordens da primeira, e acompanha sua obra perversa com várias formas de manifestações milagrosas (vs. 12,13). O período do "tempo dos gentios" começou com a adoração imposta de uma imagem por um poderoso governante (por Nabucodonosor, em Daniel 3); e este período terminará com uma semelhante adoração imposta, desta vez em escala universal.

16,17. O capítulo conclui com uma profecia do que poderia ser chamado de ditadura econômica. O texto não diz que os homens não poderão comer se não tiverem **a marca . . . da besta**, mas não poderão negociar sem esse sinal.

18. O versículo que conclui este capítulo, no qual **o número da besta** é revelado como 666, tem dado lugar a uma multidão de interpretações, e a vasta literatura. Livros inteiros têm sido escritos sobre este único texto. Lutero errou em pensar que fosse uma declaração cronológica. Acrescentando 666 ao ano 1000 ele obteve naturalmente, como resultado 1666 A.D., ano em que nada de significância profética aconteceu. Muitos têm tentado identificar esta pessoa descobrindo nomes cuja soma numérica das letras perfaz 666. Em nossa língua por exemplo, X é igual a 10, L igual a 50 e C igual a 100. Há equivalentes semelhantes para as letras no hebraico, grego e latim. Alguns têm crido, então, que este número assim traduzido refere-se a Nero, o César do primeiro século; outros como Lateinos, significando, "o Latino". Acho que não precisamos ir mais adiante do que reconhecer que seis é o número do homem decaído e portanto o número da imperfeição, e que 666 é a trindade do seis.

Até mesmo nesta passagem há uma trindade demoníaca – Satanás, a besta a **emergir da terra** (Anticristo, v. 11) e a besta a **emergir do mar**

(o falso profeta, v. 1). (Para uma comparação das diversas interpretações dessas duas bestas, veja Charles Maitland: *The Apostles' School of Prophetic Interpretation* [Londres, 1849] pág. 329.)

Torrance diz acertadamente: "Não vemos hoje em dia que esta imagem já está sendo edificada, em nação após nação na terra, pelo poder da propaganda e com mentiras?... Já não ouvimos a voz rouca da besta clamando e gritando no rádio? não temos lido suas vanglórias e ameaças nas páginas da imprensa mundial?... Tudo o que pode ser feito sem Jesus Cristo é um caminho para a incredulidade, é dar forma à maldade, ao orgulho e ao egoísmo humanos... O tempo todo o mal latente no mundo está estabelecendo sua imagem e deixando suas impressões sobre as pessoas e mentes e atos dos homens" (*op. cit.*, pág. 86-89).

Observe que estes dois governantes mundiais são designados *bestas*. Nicholas Berdyaev, o filósofo russo, escrevendo sobre a bestialidade do homem moderno, diz:

"O movimento em prol da super-humanidade, do super-homem, e dos poderes sobre-humanos, com muita freqüência nada mais são que a bestialização do homem. O moderno anti-humanismo toma a forma do bestialismo. Usa o trágico e infeliz Nietzsche como uma espécie superior de justificação para a desumanização e bestialização . . . Uma crueldade bestial para com o homem é a característica de nosso século, e torna-se mais estarrecedor por se exibir no cume do refinamento humano, onde os conceitos modernos de simpatia, ao que parece, tomaram impossíveis as antigas formas bárbaras da crueldade. O bestialismo é figo inteiramente diferente do barbarismo antigo, natural e sadio; é o barbarismo dentro de uma civilização refinada. Aqui os instintos atávicos e bárbaros são filtrados através do prisma da civilização e portanto têm um caráter patológico. O bestialismo é um fenômeno do mundo humano, mas já civilizado" (*The Fate of Man in the Modern World*, pág. 26-29. Para uma discussão completa deste capítulo, veja meu livro, *This Atomic Age and the Word of God*, págs. 193-221).

V. Os Juízos das Sete Taças. 14:1 – 16:21.

Assim como há os capítulos introdutórios que precedem os juízos apresentados pela abertura dos sete selos e pelo tocar das sete trombetas, aqui também, precedendo a última *série* dos juízos, temos um capítulo introdutório.

Apocalipse 14

14:1-5. O capítulo começa com uma cena no **monte Sião**, o qual sem dúvida representa o céu – única referência a Sião no Apocalipse. Somos apresentados a um grande grupo de 144.000, com características que os destaca de maneira fora do comum: 1) nas suas testas trazem os nomes do Cordeiro e do Pai – o que acontecerá com todos os redimidos por toda a eternidade (22:4); 2) só eles são capazes de compreender o novo cântico cantado diante do trono pelos harpistas; 3) não se contaminaram com mulheres, pois são virgens – uma declaração mais tarde examinada neste estudo; 4) seguem o Cordeiro por toda parte; 5) são as primícias de Deus; 6) são irrepreensíveis. Sem dúvida é um grupo selecionado de santos de Deus, dos quais nada mais sabemos.

O único verdadeiro problema aqui encontra-se no versículo 4. Muitos têm insistido que deve ser entendido literalmente, como afirma Govett, o qual dedica cinco páginas ao versículo. Em nenhum lugar das Escrituras a virgindade, ou o celibato, é mencionado como sinônimo de santidade, ou como se tornasse alguém particularmente apto para o serviço divino. A família é uma instituição divina desde o começo das Escrituras. Portanto, isto deve ter significado simbólico, semelhante ao uso que Paulo faz desses termos em II Co. 11:2, 3. O casamento não é desonroso (Hb. 13:4).

6,7. Temos agora uma descrição de três mensagens sucessivas por três diferentes anjos. O primeiro tem **um evangelho eterno**, proclamado a todos os habitantes da terra, consistindo da seguinte advertência: **Temei a Deus e dai-lhe glória; porque é chegada a hora do seu juízo;**

e adorai aquele que fez o céu, etc. Concordo plenamente com Swete que esta proclamação "não contém referência à esperança cristã; a base do apelo é teísmo puro. É um apelo à consciência do paganismo inculto, incapaz ainda de compreender qualquer outra coisa". Não há aqui nenhuma indicação de que esta mensagem fosse aceita ou de que, através dela, alguém fosse redimido.

8-13. O segundo anjo anuncia a queda da Babilônia, a qual é detalhadamente descrita nos capítulos 17 e 18. O terceiro anjo pronuncia um juízo sobre todos aqueles que adoraram a besta e a sua imagem, com uma declaração antecipatória sobre o castigo eterno daqueles que usam o sinal da besta. Um século atrás os Adventistas do Sétimo Dia apegaram-se a estes versículos como cumprimento de suas convicções particulares em relação à igreja. Eles consideraram o primitivo movimento Milerita como uma advertência à igreja de que ela era a Babilônia. Por isso, os crentes deviam sair da cristandade organizada – e a mensagem do terceiro anjo se lhe seguiria imediatamente. Os adventistas insistem que esta é uma promessa de que nos últimos dias só serão aceitos por Deus aqueles que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus (v. 12), e que isto é "um chamado a que os homens honrem o verdadeiro sábado de Deus, o sétimo dia do Decálogo" (Francis D. Nichol: *The Midnight Cry*, pág. 462). Por que eles particularizam o mandamento referente ao sétimo dia, nem sequer levemente aludido aqui, e não incorporam neste esquema os outros nove do Decálogo, eu não sei.

14-20. O capítulo conclui com duas cenas que só podem acontecer no fim dos tempos. A primeira (vs. 14-16) representa uma colheita de almas e ao que parece um ajuntamento dos redimidos, ao qual nosso Senhor se refere em Mt. 13:30, 39; 24:30, 31. Tem havido alguma discordância sobre estas duas cenas, mas parece-me que a segunda, que é uma vindima e não uma colheita, deve descrever o ajuntamento dos incrédulos e ímpios da terra. São parágrafos antecipatórios. Govett resume esta passagem corretamente ao dizer, "A semente da Mulher

fornece a Colheita, enquanto a semente do Dragão fornece a Vindima". Veja também Joel 3:13.

Apocalipse 15

15:1-4. O capítulo 15 continua cheio de material introdutório e uma cena do céu. Apresenta um dos grandes hinos do livro, cantado desta vez, ao que parece, por aqueles que triunfaram sobre as forças do mal nos últimos dias, que foram os **vencedores da besta, da sua imagem e do número do seu nome** (v. 2). Este é chamado de **cântico de Moisés, servo de Deus, e . . . do Cordeiro** (v. 3; sobre os antecedentes veja Êx. 14:31; 15; Nm. 12:7; Dt. 32). "O cântico pelo qual Moisés celebrou o livramento do Egito está sendo agora renovado e recebe o seu final perfeito quando o povo de Deus está finalmente libertado pelo Cordeiro" (Lee). O cântico é um mosaico de material extraído de Êxodo, Salmos (86:9; 111:2; 145:17), e de Isaías (2:2-4; 66:23, etc.).

5-8. João diz que viu **no céu o santuário do tabernáculo do testemunho . . . no céu** (v. 5). Esta é a última vez que a palavra aparece traduzida para **santuário** neste livro (cons. 11:19). Desse santíssimo lugar saíram cinco anjos, com as sete pragas que estão para serem derramadas sobre a terra, **taças ... cheias da cólera de Deus** (v. 7). Exatamente antes desta série ter início, somos informados de que o santuário está cheio **de fumaça, procedente da glória de Deus e do seu poder** (v. 8), o que nos faz lembrar a inacessibilidade divina no Sinai (Êx. 19:21), e a visão de Isaías (6:4,5).

John Albert Bengel, o grande exegeta do século passado, comentou esta passagem: "Quando Deus derrama Sua fúria seria bom que até mesmo aqueles que estão em paz com Ele se afastem um pouco, em atitude de profunda reverência até que pouco a pouco o céu se desanuvie novamente" (*Introduction to the Exposition of the Apocalypse, in loco*).

Apocalipse 16

16:1, 2. Estamos agora prontos a examinar as sete taças da ira de Deus.

A *primeira*, comparável à sexta praga do Egito, resultou no tormento dos homens que tinham o sinal da besta com **úlceras malignas e perniciosas**, não especificamente identificada.

Quando a *segunda* taça foi derramada (cons. com a primeira praga do Egito), o mar toma a aparência de **sangue como de um morto**, e toda a vida que há nele morre (v. 3). Weidner dirige a atenção para a semelhança e diferença entre esta praga e a da segunda trombeta (8:8, 9): "Os juízos de Deus vão se tornando cada vez mais terríveis conforme a maldade aumenta e o fim se aproxima".

4-11. A *terceira* taça da ira também afeta os rios e as fontes das águas, levando o anjo das águas a reconhecer a justiça e a santidade de Deus, e a justificação de tais terríveis manifestações da justiça divina (vs. 5,6).

A *quarta* taça, envolvendo o sol, aumenta de algum modo a intensidade do calor que a terra recebe do sol; e os homens foram queimados com ele, o que resultou em blasfêmias contra Deus (vs. 8, 9).

A *quinta* taça da ira é semelhante ao juízo da quarta trombeta e à nona praga do Egito, em sua manifestação de trevas, exceto que nesta ocasião é o reino da besta que é coberto pelas trevas (vs. 10, 11). Deus está agora começando a atingir o trono do Seu grande inimigo, que tem sido a causa vital do engano dos homens, seus crimes horríveis e o seu ódio contra Deus.

12-16. No derramamento da sexta taça sobre o rio Eufrates, João vê **os reis que vêm do lado do nascimento do sol** impelidos, como foram, pelo poder satânico a que marchassem para o **Armagedom** (v. 16), **para a peleja do grande dia do Deus Todo-poderoso** (v. 14).

Este é o único lugar em que o **Armagedom** é nominalmente mencionado no livro do Apocalipse. A batalha propriamente dita é descrita na última parte do capítulo 19. Moorehead escreveu, antes

mesmo da Primeira Grande Guerra e o despertar atual da Ásia, que "as grandes hordas da Ásia serão envolvidas na batalha decisiva e esmagadora do grande dia de Deus". O Extremo Oriente tem tido profundo significado para a civilização Ocidental apenas neste último século, e o mesmo acontece com o Oriente Próximo desde o término das Cruzadas. Que enorme diferença entre a poderosa China de hoje, em seu regime comunista e ateu, e o império comparavelmente fraco que conhecemos no começo deste século!

O secamento do **rio Eufrates** (v. 12), preparando caminho para a chegada destes exércitos do Oriente, pode ser tomado simbolicamente ou não; mas certamente não pode se referir ao enfraquecimento do Império Otomano, nem ao rio Mississippi, como pretendem alguns.

Hengstenberg comentou acertadamente:

"O Eufrates foi mencionado aqui, apenas no que se refere ao impedimento que representa para a marcha do poder ímpio do mundo na direção da Terra Santa".

Esses reis não são judeus vindo à Palestina em busca de bênçãos mas reis pagãos vindo a Megido para a batalha.

Esta passagem abrange uma das mais terríveis declarações da Bíblia, isto é, que **espíritos imundos** (v. 13), espíritos de demônios operando milagres, irão ao encontro dos **reis do mundo inteiro, com o fim de ajuntá-los para a peleja** (v. 14). Isto pode significar nada mais que no final dos tempos os governantes da terra serão endemoninhados. E somos quase compelidos a crer, pelos acontecimentos dos últimos quarenta anos, que alguns governantes já têm sido possuídos por demônios.

17-21. Embora o sétimo selo não venha logo após a abertura do sexto, e o tocar da sétima trombeta ficasse adiada por algum tempo, neste capítulo o derramamento da sétima taça segue-se imediatamente ao derramamento da sexta. Aqui a ira de Deus está dirigida contra o **ar**, e a declaração do juízo se segue, como os outros, por **relâmpagos, e vozes, e trovões, e ocorreu grande terremoto** (vs. 18, 19). Não posso deixar

de pensar que o **ar** aqui tem o mesmo significado que na frase de Paulo referindo-se ao "príncipe das potestades do ar" (Ef. 2:2). (Para discussão mais detalhada do assunto, veja meu livro, *This Atomic Age and the Word of God*, pág. 222-248). Os distúrbios nos ares culminam com a queda de grandes pedras de gelo (Ap. 16:21), pesando cerca de um talento cada (vinte e seis ou quarenta e quatro quilos); e outra vez os homens blasfemaram contra Deus.

A declaração de que nesta ocasião **caíram as cidades das nações** (v. 19), ou, como alguns traduzem, *as cidades dos gentios*, pode ser, como Weidner sugere, uma inferência a Mq. 5:10-15. Duas outras cidades foram citadas aqui, **Babilônia** e **a grande cidade**, sendo esta última, de acordo com Milligan, Simcox, Weidner e muitos outros, a própria Jerusalém.

Alguns comentadores têm defendido que estas três sucessivas séries setenárias de três juízos são a recapitulação dos mesmos eventos. Isto é, as trombetas recapitulam o que os selos anteriormente apresentaram, mas com maior intensidade; e as taças recapitulam os mesmos acontecimentos, caracterizando-os com ainda maior severidade. Eu não tenho conseguido aceitar esta opinião. O motivo é que a seqüência de cada série é completamente diferente, e só isto, ao que parece, torna o conceito da recapitulação impossível.

No quadro abaixo apresento a seqüência das séries dos juízos, usando o juízo das taças por guia. Abaixo da linha, sob as trombetas e os selos, encontram-se os fenômenos que não aparecem nos juízos das taças. Nenhum esforço foi feito para colocar os itens abaixo da linha em alguma ordem cronológica, nem mesmo o de fazer um paralelo entre os selos e as trombetas; antes, foram colocados em posições opostas para economizar espaço.

Número do Juízo	Taças Cap. 16	Trombetas cap. 8,9	Selos cap. 6	Pragas do Egito Êx. 7-10; 23:29-33
Chagas.....	I. 2			V, VI. 9:1-12
O mar em sangue...	II. 3	II. 8:8,9		I. 7:20-24
As águas em sangue...	III. 4-7	II. 8:8,9		I. 7:20-24
Grande calor.....	IV. 8,9	I. 8:7		
Trevas: dores.....	V. 10,11	IV. 8:12		IX. 10:21-23
Reis endemoninhados...	VI. 12-16			
Relâmpagos, Vozes.....	VII. 17-21	I. 8:7		(saraiva)
Trovões, Terremotos....				VII. 9:22-35
Grandes pedras.....			VI. 12-17	
Falsa paz.....			I. 1, 2	
Gafanhotos.....		V. 9:1-12		VIII. 10:12-20
Guerra.....		VI. 9:13-21	II. 3, 4	
Falta de alimentos.....			III. 5, 6	
Morte.....			IV. 7, 8	
Águas amargas.....		III. 8:10, 11		
Mártires.....			V. 9-11	

VI. Babilônia e Armagedom. 17:1 – 19:21.

Juízo sobre a Babilônia. 17:1 – 18:24.

A oitava parte de todo o livro do Apocalipse, cerca de cinquenta versículos, foi dedicada ao julgamento da **Babilônia** (14:8-10; 16:17-19:5). Contudo, a interpretação da Babilônia no Apocalipse tem dado lugar a mais diferença de opiniões do que qualquer outra passagem deste livro. No V.T. o nome **Babilônia** tem a sua origem em *Babel*, a qual é claro sempre simbolizou revolta contra Deus, e confusão (Gn. 10:8-12; 11:1-9). Babilônia foi a conquistadora do reino de Judá, a teocracia (II Reis 24; 25, etc.). Com Nabucodonosor, o rei da Babilônia, começou "o tempo dos gentios" (Jr. 27:1-11; Dn. 2:37, 38). A Babilônia ocupa um grande lugar nas profecias das nações no V.T. (Is. 13; 14; 47; Jr. 50:51).

A **Babilônia** está diante de nós nestes dois capítulos sob dois diferentes aspectos. No capítulo 17, ela está identificada com a grande

prostituta, uma mulher que não aparece no capítulo 18. A besta com as sete cabeças e os dez chifres está confinada ao capítulo 17, único lugar onde encontramos os reis da terra avançando para fazer guerra contra o Cordeiro. No capítulo 18 a Babilônia parece ser alguma cidade ao longo do grande rio, apinhada de navios mercantes de toda a terra, detalhes que não aparecem no capítulo 17. Talvez devamos examinar o texto propriamente dito e depois discutir interpretações.

Apocalipse 17

17:1-12. Três são os grupos a serem identificados neste parágrafo inicial; a **besta**, que tem sete cabeças e dez chifres; a **meretriz** assentada sobre a besta; e aqueles que são chamados de **muitas águas** mais tarde denominados de "povos, e multidões, e nações, e línguas" (v. 15). Os dez chifres, somos depois informados, são dez reis (v. 12), certamente contemporâneos; e as sete cabeças são sete montes (vs. 9, 10), que também representam reinos. Não devemos nunca nos esquecer que qualquer confederação de reis no V.T., e aqui, está sempre em oposição a Deus e ao povo de Deus (Gn. 15:18-21; Dn. 2:41, 42; 7:7, 20, 24; Sl. 2:1-3; 83:1-8; Ap. 12:3; 13:1; 16:12-16). Esta mulher, chamada de MÃE DAS PROSTITUIÇÕES (17:5), prostituiu-se com os reis da terra (v. 2), e durante algum tempo os dominou.

A quem ou a que se refere esta **mulher**? A maior parte dos comentadores, desde o tempo da Reforma, identificam-na com o papado, tal como o fizeram Lutero, Tyndale, Knox, Calvino (*Institutes*, IV, 2.12), Alford, Elliott, Lange, e muitos outros. A Igreja Católica Romana identifica esta mulher com Roma – mas com a Roma pagã, é claro, já no passado. Ela é definidamente algum vasto sistema espiritual que persegue os santos de Deus, traindo aquilo para o que foi chamada. Ela entra em relações com os governos desta terra, e por algum tempo os governa. Eu acho que o mais perto que podemos chegar a uma identificação é compreender que esta prostituta é um símbolo de um grande poder espiritual que se levantará no fim dos tempos, o qual

estabelecerá uma aliança com o mundo e assumirá compromissos com as forças do mundo. Em vez de ser espiritualmente verdadeira – ela é espiritualmente falsa, e assim exerce uma influência maligna em nome da religião.

13-18. Agora, os reis da terra, tendo uma só mente, confederados, concedendo sua autoridade a este grande inimigo de Deus, a besta, saem para fazer guerra **contra o Cordeiro** (vs. 13,14). Quando esta hora chegar, a besta, com o poder dos reis da terra, vira-se contra a prostituta, sua força pseudo-espiritual, e a destrói (v. 16). A declaração do versículo 17 é muito confortadora – "Deus tem posto em seus corações, que cumpram o seu intento, e tenham uma mesma idéia . . . até que se cumpram as palavras de Deus".

Apocalipse 18

O capítulo 18 parece ter uma definição geográfica, a qual não encontramos no capítulo 17. Aqui nós temos a declaração que a Babilônia se tornou **morada de demônios, covil de toda espécie de espírito imundo** (v. 2). A maior parte do capítulo está ocupada com a descrição da riqueza da cidade, a mercadoria trazida para ser vendida, a tristeza dos mercadores que enriqueceram com o seu comércio, quando olham para a cidade agora desolada pelo fogo. Nos versículos 4-8 anuncia-se o juízo; nos versículos 9-20 temos a lamentação dos reinos da terra; e em 21-24 conta-se o destino final da Babilônia.

Agora temos de retornar ao problema da interpretação. Alguns insistem aqui em uma identificação geográfica. Aqueles que adotaram o esquema histórico de interpretação fazem Babilônia se referir geralmente à Roma pagã. Alguns, tais como Weidner, Kiddle, etc., têm afirmado que **Babilônia** aqui deve significar Jerusalém, mas isto parece ser inteiramente impossível. Tenho lido livros que defendem que esta cidade é Londres ou Paris. Até Alford disse uma vez, embora admitisse que sentia que a dificuldade continuava "sem solução", que "certamente os detalhes desta lamentação comercial aplicam-se muito mais a Londres do

que a Roma, em qualquer período de sua história" (pág. 718). Uma coisa não se pode negar: o barrento rio Tigre, que corre através da cidade de Roma, não poderia transportar o enorme tráfego marítimo descrito no capítulo 18; mais ainda, Roma pagã jamais foi famosa como centro de câmbio ou venda de mercadorias. Alguns têm defendido que esta profecia só poderá ser cumprida quando a cidade de Babilônia for restaurada. A "Scofield Bible" repudia isto especificamente, mas muitos dos seus editores crêem pessoalmente que isto é verdade, tais como Gray e Moorehead; também Seiss, Govett, Pember, G.H. Lang e muitos outros.

Aqueles que adotam a interpretação eclesiástica, como já observamos, acham que **Babilônia** representa o papado, e grande é o apoio que tem sua opinião. Entretanto, eu acho que aqui tem mais coisas implicadas do que o papado somente. Esta é a Cristandade apóstata, uma religião mundana que traiu o Cristianismo e está entrelaçada com os governos pagãos e ímpios do mundo. Muitos crêem – e eu concordo – que há de vir o dia quando a própria Igreja Romana, de alguma maneira misteriosa, vai assumir um compromisso com o Comunismo ateu. (Uma pesquisa sobre este assunto encontra-se em *The Antichrist, Babylon, and the Coming of the Kingdom*, de G.H. Pember, 1886).

Apocalipse 19

A Batalha do Armagedom. 19:1-21.

19:1-8. Enquanto o capítulo 19 deste livro recebe generalizadamente o título, "A Batalha do Armagedom", na verdade a primeira metade do capítulo se ocupa com uma cena no céu, onde temos os três últimos hinos do Apocalipse. Primeiro, uma grande multidão se ouve cantando, **Aleluia! A salvação, e a glória, e o poder**, por causa do juízo sobre a grande prostituta que foi finalmente executado (vs. 1, 2). **Aleluia** foi extraído diretamente do hebraico e é formado de duas palavras, *hallel*, significando "louvor", e *jah*, palavra básica para Deus.

Aleluias aparecem no começo dos Salmos 111 e 112, e no começo e fim dos Salmos 146 a 150, etc. Este hino repete-se uma segunda vez. Então os vinte e quatro anciãos e as quatro criaturas viventes caem diante de Deus, também gritando **Amém, Aleluia** (v. 4).

Finalmente, João ouve vozes, as quais ele não identifica especificamente (v. 6), cantando o último dos cânticos, começando com **Aleluia**, desta vez não por causa do julgamento da Babilônia, mas por causa **das bodas do Cordeiro, cuja esposa a si mesma já se ataviou** (vs. 6-8). Com isto, João recebe ordem de anotar a última bem-aventurança deste livro, na qual anuncia-se que a ceia das bodas do Cordeiro está para se realizar (v. 7). O relacionamento de Deus e Cristo com os redimidos conforme expresso em termos de casamento é freqüentemente encontrado em ambos os Testamentos (Os. 2:19-21; Ez. 16:1 e segs.; Sl. 45; Mc. 2:19; I Co. 6:15-17; Ef. 5:25-27). As vestes da noiva são notavelmente diferentes das vestes da grande prostituta, pois a santa noiva só usa **linho** puro e resplandecente (Ap. 19:8), símbolo dos atos de justiça dos santos. Tudo o que o N.T. fala em se tratando de Cristo como o esposo e a Igreja como a esposa, agora está consumado.

11-16. Este parágrafo sempre me pareceu esmagadoramente glorioso demais para uma exposição. Vê-se agora Cristo cavalgando um cavalo branco, descendo dos céus para "julgar e pelejar". Aqui Ele recebe o título de **Fiel e Verdadeiro**, o qual Lhe foi conferido no começo deste livro (1:5; 3:7,14). A frase, **com justiça**, é importante. Juízo, em toda a Bíblia, está sempre identificado com justiça. Esta foi exatamente a frase usada pelo Apóstolo Paulo em Atos 17:31. Na verdade, esta é a palavra usada na primeira referência a Deus como o juiz de toda a terra (Gn. 18:25; veja também Sl. 9:4, 8; 98:9; Is. 11:4; etc.). Justiça, diz Cremer, uma autoridade léxica, é "aquele padrão divino que se exhibe em comportamento harmônico com Deus . . . o qual corresponde à norma divina". Nosso Senhor mesmo disse: "O meu juízo é justo, porque não busco a minha vontade, mas a vontade do Pai que me enviou" (Jo. 5:30). A descrição de Cristo aqui (Ap. 19:12,13), com olhos

de **chama de fogo** e um manto **tinto de sangue**, leva-nos de volta ao começo do livro (1:14; 2:18). A frase, **tinto de sangue**, foi extraída de Is. 63:3.

Agora Cristo recebe um grande título, **o Verbo de Deus** (Ap. 19:13). Como a Palavra de Deus, Ele fez os mundos. Foi pela rejeição da Palavra que o pecado entrou no mundo. Pela Palavra de Deus, a salvação foi oferecida aos homens. O pecado e a anarquia, impiedade e rebelião, são de uma forma ou de outra o repúdio da Palavra de Deus. Essa Palavra, Eterna e Onipotente, desce agora do céu para cumprir a profecia, para destruir os inimigos de Deus, para revelar ao universo, de uma vez para sempre, a tolice de se resistir a Cristo e a indiscutível preeminência do **Rei dos Reis, e Senhor dos Senhores** (v. 16). Somos agora introduzidos em uma cena terrena na qual os reis da terra desempenham papel proeminente. Como é estranha e trágica esta situação que descortinamos agora, na qual parece que os governantes do mundo inteiro se unem em um terrível esforço de destruir o ungido de Deus. Como isto contraria os sonhos da humanidade, as tolas declarações dos seus falsos profetas, e de sua injustificada crença de que a sociedade humana está sempre progredindo nos setores da paz, da bondade, da camaradagem e bem-estar social. Veremos o cumprimento do Salmo 2.

17-21. Não posso deixar de crer que esta batalha se realizará literalmente, e por isso exige atenção cuidadosa, ainda que rápida. A planície de Megido, em outro lugar chamada de planície de Jezreel, ou Esdrelom, ficou famosa na história de Israel, por suas derrotas e vitórias. Aqui se deu a vitória de Baraque Sobre os cananeus, quando os próprios astros lutaram contra Sísera (Jz. 4:5); a vitória de Gideão contra os midianitas (Jz. 7); e do mesmo modo a derrota e morte do Rei Saul e seus três filhos sob as mãos dos filisteus (I Sm. 4). Aqui aconteceu a grande tragédia da derrota e morte do Rei Josias sob as mãos dos egípcios (II Reis 23:29, 30). Mais tarde na história, as cruzadas foram aqui derrotadas, na batalha de Horns de Hattin, em 1187 A.D. Aqui o

General Allembly, em 1917, obteve a grande vitória sobre os turcos, pelo que foi honrado mais tarde com o título de Lord Allembly de Megido. Esta grande planície, com cerca de doze milhas de largura, situada no meio da Palestina, vai das praias do Mediterrâneo até o Vale do Jordão. Nesta planície, diz uma grande autoridade, tivemos "a primeira batalha da história na qual podemos estudar, sob todos os ângulos, a disposição das tropas, e assim, ela forma o ponto de partida para a história da ciência militar". Esta batalha se deu em maio de 1479 A.C., entre as forças sírias e egípcias sob o comando de Tutmoses III (veja Harold H. Nelson, *The Battle of Megido*, págs. 1, 63).

Sobre este campo de batalha, George Adam Smith escreveu certa vez: "Que planície! Sobre ela, não só os maiores impérios, raças e religiões do Oriente e do Ocidente, têm contendido uns contra os outros, mas cada qual tem sido julgado – sobre ela, desde o princípio, com todo o seu esplendor de batalha humana, os homens sentiram que lutavam contra o céu e, que as estrelas lutavam em suas rotas – sobre ela o pânico desceu misteriosamente sobre os exércitos mais bem equipados e mais capazes, mas os humildes obtiveram a vitória na hora de sua fraqueza – sobre ela falsas religiões, como também os falsos defensores da verdadeira fé, têm sido desmascarados e dispersos – sobre ela, desde o tempo de Saul, a obstinação e a superstição, embora amparadas por todas as qualidades humanas, foram reduzidas a nada, e desde o tempo de Josias a mais pura piedade não tem sido substituída por zelo impetuoso e equívoco" (*Historical Geography of the Holy Land*, pág. 409).

Profecias que provavelmente se referem a esta batalha futura são encontradas desde 800 A.C. (Joel 3:9-15; veja também Jr. 51:27-36; Sf. 3:8; e Ap. 14:14-20; 16:13-16; 17:14).

A batalha termina quase que imediatamente após ter começado. Dois grandes inimigos de Deus são presos, a besta e o falso profeta (cuja obra foi destacada no capítulo 13), e são **lançados vivos dentro do lago do fogo que arde com enxofre** (v. 20). (Para um exame mais detalhado sobre este assunto consulte: George Adam Smith, *op. cit.*, págs. 379-410;

William Miller, *The Least of All Lands*, 1888, págs. 152-212; e artigos em várias enciclopédias; como também minha obra, *World Crises in the Light of Prophetic Scriptures*, págs. 96-119).

A palavra **Armagedom** faz parte hoje da língua inglesa, e está corretamente definida no Oxford English Dictionary como "o lugar da última batalha decisiva". Swete, escrevendo antes da Primeira Grande Guerra, disse acertadamente, "aqueles que observam as tendências da civilização moderna não acharão impossível imaginar que virá um tempo quando através de toda a Cristandade, o espírito do Anticristo irá, com o apoio do Estado, tomar firme posição contra o Cristianismo leal à pessoa e ensinamentos de Cristo".

VII. O Milênio; o Juízo Final; a Nova Jerusalém e a Eternidade. 20:1 – 22:50.

Apocalipse 20

O Milênio. 20:1-6.

Aproximamo-nos agora de uma das passagens mais discutidas da Palavra de Deus. Através dos séculos esta passagem tem sido geralmente aceita como determinando um período milenial durante o qual Cristo reinará nesta terra. Todos nós concordaríamos com C.J. Vaughan quando ele diz: "Jamais precisamos mais da ajuda de Deus do que ao penetrarmos na interpretação deste capítulo que ora se nos apresenta". Só nesta passagem das Escrituras temos a frase, "os mil anos", fator cronológico mencionado seis vezes em seis versículos. A palavra milênio (*millennium*) é uma palavra latina composta de mille, "mil", e annum, "ano"; assim, mil anos, seja o que for que esta passagem particular das Escrituras quer dizer. A passagem começa informando-nos que durante este tempo Satanás será lançado no abismo, onde permanecerá amarrado por **mil anos**. Este abismo não é o inferno. Parece que Satanás não tem poder de resistir a este ato do anjo que o amarra. João vê agora uma multidão dos que não adoraram a besta, assentados

sobre tronos, e reinando com Cristo por mil anos. Este hão é o lugar apropriado para discutirmos o Milênio. O que nos parece claro, no entanto, é que o V.T., muitas e muitas vezes, refere-se a um tempo grande e glorioso no futuro quando a paz prevalecerá sobre a terra, quando o Messias reinará com justiça, e quando a natureza será restaurada à sua beleza original (veja, por exemplo, Is. 9:6, 7; 11:1; 30:15-33; também cap. 35; 44; e 49; 65:17- 66:14, Jr. 23:5, 6, etc.).

Há quatro opiniões com referência ao Milênio.

1) Alguns dizem que é apenas uma condição espiritual dos redimidos e que não deve receber nenhuma interpretação cronológica, sendo a idéia do mil simbólica de plenitude e inteireza.

2) Alguns defendem a estranha opinião de que o Milênio já aconteceu, muitos assinalando o seu começo na conversão de Constantino. Mas se o período chamado Idade das Trevas pode ser chamado de Milênio, então as profecias bíblicas referentes a tal período jamais se cumprirão.

3) Alguns dizem que já nos encontramos no Milênio, mas insistimos novamente que se este século acossado pela guerra, de anarquia e Comunismo ateu, é o Milênio, então as esperanças criadas pela Palavra de Deus para esta terra devem ser abandonadas.

4) Finalmente, muitos crêem que é uma profecia real de um período de mil anos, seguindo-se ao Armagedom, quando Cristo reinará sobre a terra como o Rei dos reis. A igreja primitiva era unânime na defesa deste ponto de vista. Charles (*op. cit.*) que não aceita o Milênio, sob nenhum aspecto, admite contudo que "a profecia do milênio no capítulo 20 deve ser aceita literalmente".

Encontramos uma declaração famosa sobre esta passagem no *New Testament for English Readers* de Alford que tem sido citada em muitas obras posteriores, mas sinto-me compelido a citá-la novamente: "Há muito que já foi percebido pelos leitores deste Comentário, que eu não posso consentir na distorção de palavras do seu sentido simples e da sua colocação cronológica na profecia, por causa de qualquer dificuldade ou

risco de abuso que a doutrina do milênio possa provocar. Aqueles que viveram perto da época dos apóstolos, e toda a Igreja durante 300 anos, aceitaram-nas em seu sentido simples e natural; e é coisa estranha ver, atualmente, expositores que estão entre os primeiros no respeito à antiguidade, deixando de lado complacentemente o mais irrefutável exemplo de consenso que a antiguidade primitiva apresenta. No que se refere ao texto propriamente dito, nenhum tratamento legítimo extorquirá o que é conhecido como a interpretação espiritual atualmente em moda".

Muita discussão tem surgido por causa da curta frase, **Esta é a primeira ressurreição** (Ap. 20:5). A teoria de que **a primeira ressurreição** se refere à conversão, uma passagem da morte para a vida, isto é, uma ressurreição *espiritual*, parece completamente fora de propósito em uma passagem como esta. A *segunda* ressurreição, embora não seja assim chamada, certamente é aquela à que se referem os versículos 11-15 deste mesmo capítulo. Não é necessário limitar aqueles que participaram da **primeira** ressurreição as grupos enumerados no versículo 4. A primeira ressurreição pode facilmente ser aceita em estágios – os mortos em Cristo, depois nós os que estamos vivos, e então, após um breve intervalo, os mártires e fiéis do período da Tribulação.

7-10. No final do Milênio, temos a inserção de um episódio estranho, cuja fonte só pode ser de inspiração divina, isto é, que Satanás será solto de sua prisão, e sairá novamente a enganar as nações, reunindo-as para a guerra (vs. 7, 8) e um ataque contra **o acampamento dos santos e a cidade querida** (v. 9). Isto provavelmente se refere à cidade terrestre de Jerusalém, embora alguns a tenham feito se referir à Cidade Santa, o que nos parece ser mais irracional. Scott tem uma opinião interessante a respeito: "Nenhuma menção se faz de como Cristo e o Seu povo enfrentará esta última tentativa louca de Satanás. Tudo é silêncio no arraial e na cidade. As nações apóstatas marcharão para os braços da morte. Seu julgamento é súbito, rápido, esmagador e final (*op. cit.*, pág. 388). Com a destruição dos inimigos de Deus, Satanás é

amarrado e lançado no inferno, onde permanecerá para sempre. A besta e o falso profeta já foram confinados a este lugar de horrível destino.

Muitas vezes se faz a pergunta, "Por que esta última rebelião depois do benéfico reino milenial de Cristo?" Por um só motivo, revelar que mil anos de prisão não altera o caráter mau do mal. Mais ainda, os homens não regenerados não mudam, e embora toda a terra esteja sob o governo de Cristo, grandes multidões Lhe obedecem por medo e não por amor.

O Juízo Final. 20:11-14.

Mais um grande acontecimento universal deve ter lugar antes que haja paz e justiça eternas, a saber, o juízo. dos mortos impenitentes. Isto está apresentado no último parágrafo deste capítulo cronologicamente tão apinhado. Um dia de julgamento, por vezes chamado de "O Último Dia", foi mais mencionado por nosso Senhor do que por todos os apóstolos e suas obras juntas (veja Mt. 10:15; 11:22, 24; 12:36; Jo. 5:28, 29; 6:39-54; 11:24; Hb. 9:27; 10:27). Em todas as passagens Cristo é identificado como o juiz (veja Atos 17:31; Jo. 5:22-27; II Tm. 4:1; especialmente). O Bispo Gore falou em nome de toda a Igreja quando disse: "Parece-me que cada crente no Deus dos profetas, e de nosso Senhor, deve crer com eles em um Dia de Deus, que provocará o clímax da presente dispensação da história humana" (*Belief in Christ*, pág. 149).

Da justiça feita ao crime, exercida pelo Estado, milhares escapam todos os anos; na verdade, muitos crimes nem chegam a ser conhecidos pelas autoridades. Mas ninguém poderá escapar a este julgamento. Os mortos serão chamados de suas sepulturas, e do mar, e do próprio Hades (v. 13); e aqueles cujos nomes não foram encontrados no Livro da Vida serão lançados no lago de fogo, que é a segunda morte (v. 14). O registro de cada vida humana nesta imensa assembléia será então exibido. A própria morte, ao que parece, não será abolida até que o Grande Trono Branco seja estabelecido, e o destino humano seja resolvido. Se cremos e aceitamos com alegria as promessas da glória eterna que se encontram neste livro, temos também de crer com igual convicção que este destino

terrível dos mortos não arrependidos é igualmente verdadeiro. (Para um comentário sobre toda a questão do juízo, veja meu livro, *Therefore Stand*, na seção intitulada, "Um Justo Juízo por Vir", págs. 438-466).

A Santa Cidade. 21:1 – 22:5.

Chegamos agora à revelação final que nos é dada nas Sagradas Escrituras, um clímax glorioso para tudo quanto Deus inspirou os homens a escreverem para a edificação do Seu povo através dos séculos. Nesta passagem passamos do tempo para a eternidade. O pecado, a morte e todas as forças antagônicas a Deus foram para sempre aniquiladas. Muitos estudantes da Palavra estão convencidos de que aquilo que temos nesta última seção (não me refiro aqui ao epílogo) é uma descrição do lar eterno dos redimidos em Cristo.

É provável que não se identifique com o céu, mas certamente deve ser o que as Escrituras apontaram antecipadamente – a Cidade de Deus, a Nova Jerusalém, a Sião que é de cima. Ninguém deve ser dogmático aqui quanto ao que deve ser interpretado simbolicamente e o que deve ser aceito literalmente. Diferentes mestres, com igual devoção à divina autoridade das Escrituras, têm diferentes opiniões quanto a hermenêutica desta grande passagem. Até mesmo Lang, normalmente um literalista, insiste sobre o forte simbolismo da passagem e declara que "o motivo do emprego dos símbolos pode ser o simples fato de que não há outro meio de criar em nossas mentes qualquer justo conceito de realidade" (*Op. cit.*, pág. 369).

Apocalipse 21

A Origem e Natureza da Cidade. 21:1-8.

1. Esta famosa descrição, igual à qual não se encontra em nenhuma outra literatura do mundo antigo, começa com a declaração de João de que ele viu *um novo céu*, e *uma nova terra*. São duas as palavras gregas traduzidas para **novo** no N.T., *neos* e a que foi usada aqui, *kainos*, sugerindo "vida nova brotando do velho mundo corrupto e destruído"

(Swete). Portanto, esta passagem não ensina que os céus e a terra estão sendo agora criados como da primeira vez, mas que possuem um novo caráter. (Para outros usos da palavra veja Mt. 27:60; II Co. 5:17, etc., e algumas excelentes observações sobre estas duas palavras gregas em *Synonyms of the New Testament*, de R.C. Trench, págs. 219-225).

Quanto à declaração de que não existirá mais o mar, ninguém interpretou esta afirmação de maneira mais sensata do que o próprio Swete: "O mar pertencia à ordem do que já passou. Desapareceu porque, na mente do escritor, está associado com idéias que discordam com o caráter da Nova Criação. Pois esse elemento de inquietação, esta causa frutífera de destruição e morte, este divisor de nações e igrejas, não teria mais lugar em um mundo de vida sem morte e paz ininterrupta".

2. Agora João descortina a cidade santa . . . que descia do céu, da parte de Deus. Tal como a Jerusalém de antigamente era chamada "a cidade santa", a nova Jerusalém também foi assim designada; só que desta vez a palavra descreve realmente o verdadeiro caráter da habitação dos redimidos. A santidade, grande atributo divino, tem sido o alvo divinamente estipulado para o povo de Deus desde o princípio. É significativo que nossa habitação eterna seja chamada de cidade, mesmo no V.T. (Sl. 48:1, 8; Hb. 11:16).

C. Anderson Scott, em um notável capítulo sobre este aspecto da habitação dos bem-aventurados, disse com acerto:

"Uma cidade é em primeiro lugar a ambição e depois o desespero do homem . . . Os homens se orgulham de uma cidade; chamam-se segundo o seu nome; esquecem-se no seu poder e esplendor, e contudo nas mãos dos homens, a cidade se transforma em um monstro que devora seus filhos. Mal nos atrevemos a olhar para os montes dos despojos da humanidade *desgastada* cuja riqueza tem sido extraída, para a miséria e o vício em cima do qual a maior parte do seu conforto e esplendor repousam. Todo o nosso esforço, legislação, filantropia e religião, parecem falhar lamentavelmente na tentativa de resolver os males inseparavelmente relacionados com uma grande cidade. No entanto Deus prepara uma cidade para nós. O instinto de

buscar uma vida em comum, de formar uma teia complicada de simpatia e dependência mútuas, que uma cidade representa, é afinal uma coisa verídica, e a oportunidade de se exercitar aquilo que é essencial tanto à verdadeira felicidade do homem quanto w pleno desenvolvimento dos seus poderes. 'Não é bom que o homem esteja só'; também não é bom que uma família esteja só, nem um grupo de famílias; e esta visão nos mostra 'um evento divino no longínquo futuro' realizado na vida corporativa da humanidade, em uma sociedade tão grande que nenhum dos filhos de Deus fica de fora, e no entanto tão compacta que poderia melhor ser descrita como a sociedade daqueles que habitam em uma única cidade" (*The Book of Revelation*, págs. 308-310).

Que a Cidade Santa descia do céu parece implicar que não é idêntica ao céu. Aqui há uma frase que tem sido desprezada com muita freqüência – **ataviada como noiva adornada para o seu esposo**. Uma vez na vida a mulher tem o direito de ser extravagante, uma vez ela se prepara com o máximo cuidado e se veste tão elegante, linda e atraentemente quanto pode – no dia do seu casamento. Até as jovens que não são particularmente belas ouvem o que se diz delas, quando caminham pela nave da igreja em direção do altar para a cerimônia nupcial: "Como está linda!" Assim como a noiva se enfeita para o seu marido, Deus vai adornar e embelezar esta cidade para os Seus amados.

Todas as coisas lindas que Deus tem criado neste mundo – pores-de-sol, montanhas, lagos, rosas, lindas árvores, flocos de neve, nuvens e quedas de água! Qual não será a cidade construída pelo Arquiteto Divino! (Veja também Jo. 14:2.) A cidade santa será a cidade onde nenhuma mentira será pronunciada em centenas de milhares de anos, nenhuma palavra torpe será dita, nenhum negócio escuso não será nem sequer discutido, nenhuma figura imunda, *jamais* será vista, nenhuma espécie de corrupção *jamais* será manifestada. Será santa porque todos os seus habitantes serão santos.

3,4. Como em muitas outras passagens do livro do Apocalipse, temos no versículo 3 a consumação e conclusão perfeitas do grande tema

divino – *tabernaculando* entre os homens. A palavra grega que aqui foi traduzida para **tabernáculo** é à mesma da tradução grega das passagens do V.T. descrevendo o Tabernáculo, onde também somos informados de que no Santo dos Santos Deus se encontraria com o Seu povo (Lv. 26:11 e segs.). Esta é a palavra em sua forma verbal que foi usada por João em sua inicial descrição da Encarnação: "E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade" (Jo. 1:14).

Desta vez o tabernáculo permanece; desta vez não haverá separação entre Deus e o Seu povo, um fato que parece que vai ser imediatamente introduzido (Ap. 21:3). Aqui, também, está a certeza da eliminação dos cinco aspectos trágicos da vida humana: lágrimas, morte, pranto, clamor e dor (v. 4). A Bíblia não nega a realidade da dor e da morte, mas nos dá a certeza de que virá o dia, pela graça de Deus, quando, para o crente, essas coisas não existirão mais.

5. Alguns têm sugerido que neste versículo, pela primeira vez no Apocalipse, quem fala é o próprio Deus. Há certamente grande significado no fato de que neste livro, mais do que em todos os outros do N.T., a verdade do que foi revelado aqui está sendo enfatizada. "Deus autentica Sua própria declaração magnífica. Ele exige nossa atenção, e requer nossos corações e nossa aquiescência incondicional" (Walter Scott, *op. cit.*, pág. 404). *Fiel e Verdadeiro*, além de caracterizar a Palavra escrita (e falada), também caracteriza a Palavra Encarnada (19:9; 21:5).

6,7. Novamente temos o título de Cristo, **o Alfa e o Ômega**, que são a primeira e a última letra do alfabeto grego, indicando que Cristo já era antes do universo que foi criado por Ele, e será até o fim dos séculos, pois todas as coisas se consumarão nEle.

8. Chegamos agora a algo que realmente não esperávamos encontrar na descrição da Cidade Santa, isto é, uma indicação das categorias de pecadores que *não* estarão ali, mas antes se encontrarão **no lago que arde com fogo e enxofre**. São palavras terríveis. Se aceitamos

com entusiasmo e ação de graças as promessas deste livro, temos também de crer em suas solenes advertências. Lang chama a atenção para a frase, "sua parte", comentando que "o coração pode desejar que a visão termine nas radiosas alturas, mas, em vez disso, ela mergulha nas profundezas".

Uma Descrição da Cidade Santa. 21:9-23.

12-21. A Cidade tem **doze portas**, com o nome de uma das doze tribos de Israel em cada uma delas, sendo cada porta guardada por um anjo. A parede repousa sobre **doze fundamentos**, o que parece indicar doze seções nos alicerces, e sobre cada uma delas o nome de um dos doze apóstolos. O comprimento, largura e altura da cidade é de doze mil estádios ou seja, cerca de 2.400 quilômetros.

Isto pareceria, à primeira vista, o formato de um cubo, mas eu prefiro seguir a Simcox e muitos outros, crendo que a estrutura era piramidal. A palavra traduzida para **rua**, *platéia*, significa literalmente um lugar espaçoso; dessa palavra deriva a nossa praça. Os muros são feitos de jaspe, a cidade é de ouro, as portas são pérolas, e os alicerces são doze pedras preciosas. (Para um estudo da possível população de uma cidade deste tamanho, veja o notável ensaio de F.W. Boreham, *Wisps of Wildfire*, págs. 202-212).

J.N. Darby raramente dizia que não sabia o significado de uma passagem das Escrituras, mas em relação a estas pedras, ele escreveu lima vez: "A diferença das pedras contém detalhes que estão acima do meu conhecimento" (*Collected Writings*, Volume V, pág. 154).

"Se compararmos as cores das pedras dos alicerces com as do arco-íris", diz Govett (*op. cit., in loco*), "descobriremos, creio eu, uma semelhança esquematizada, embora, por causa da nossa ignorância em relação às pedras preciosas, não possamos chegar a nenhuma conclusão aproximada ou satisfatória.

As pedras, então, com as suas cores, e os matizes do arco-íris, são os seguintes:

1. Jaspe, verde? Amarelo?
2. Safira, azul celeste.
3. Calcedônia, talvez verde e azul.
4. Esmeralda, verde.

O Arco-íris:

1. Vermelho
2. Laranja
3. Amarelo
4. Verde
5. Azul
6. Roxo
7. Violeta (laca)
5. Sárdio, vermelha.
6. Sardônica, vermelha e branca.
7. Crisólito, amarelo.
8. Berilo, verde-mar.
9. Topázio, amarelo.
10. Crisópraso, verde-dourado.
11. Jacinto, violeta.
12. Ametista, roxa.

22,23. João prossegue dizendo que a cidade não tem templo, e que é tão brilhantemente iluminada pela glória de Deus que não tem necessidade da luz do sol ou da lua, embora eles permaneçam brilhando.

"Uma vez que os homens aqui habitam sob as condições da vida terrena, não podem passar sem templos, o lugar, a hora, os pensamentos demarcados para Deus, o lugar onde aprendemos o segredo da percepção de Sua presença na vida, o tempo quando reclamamos e proclamamos a comunhão com Ele, os pensamentos que, com determinação, dirigimos para a manifestação do Seu amor em Cristo, e da Sua vontade no dever. Mas *ali* não haverá templo; pelo simples motivo de -que não é necessário. Aquilo que agora precisa ser separado do mundo e reservado para Deus – sim, e mantido com determinação e força de vontade contra as hostes invasoras – expandiu-se ali até cobrir todos os setores da experiência e atividade humanas. A presença de Deus já não precisa mais ser buscada; é conhecida; é sentida, universal e impregnando tudo como a luz do dia" (C. Anderson Scott, *op. cit., in toco*).

Nosso texto não diz que não haverá sol ou luz na eternidade, mas que não precisaremos da luz do sol e da lua, pois a própria glória de

Deus vai iluminar a cidade. Assim como precisamos de uma vela de noite, mas não ao meio-dia, quando o sol está brilhando, assim precisamos do sol e da lua em nosso atual estado de existência, mas não precisaremos mais deles na presença de Deus, que é a verdadeira luz.

Aqueles Que Entrarão na Cidade. 21:24-27.

24-26. O parágrafo que abrange estes três versículos é extremamente difícil de interpretar. Quem são estas nações que andarão à luz da Cidade Santa, e quem são os **reis da terra** que trarão sua glória para ela? Govett provavelmente está certo ao dizer: “Por ‘reis da terra’ entendamos os reis das nações. Assim como as nações foram agora transferidas para o novo mundo, também têm reis. Subordinação à hierarquia é uma parte do esquema permanente de Deus para a eternidade. Eles são chamados de ‘reis da terra’ para distingui-los dos reis da **cidade**. Pois há duas categorias de reis: aqueles que foram feitos reis e sacerdotes diante de Deus mediante o sangue de Jesus, que ressuscitaram dos mortos e habitam com Deus; e aqueles que são homens na carne, e vivem entre as nações fora da metrópole. Os cidadãos são *reis dos reis* e ‘reinarão para todo o sempre’ (22:5). Os reis das nações, então, sentindo a sua inferioridade, e desejosos de comparecer à presença de Deus e Seus servos ressuscitados, trazem presentes”.

27. Aqui está uma das declarações mais tranquilizadoras, confortadoras e cheias de esperança de toda a Bíblia: entrarão na cidade aqueles cujos nomes estão **inscritos no livro da vida do Cordeiro**. Dois fatores terríveis, inescapáveis, não permitem que homem algum entre na Cidade Santa – o pecado e a morte. É o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo e é o Filho de Deus que nos dá a vida em vez da morte. Estar inscrito no Livro da Vida do Cordeiro é estar redimido pelo Cordeiro de Deus.

Apocalipse 22

O Estado de Bem-aventurança Predominante na Cidade Santa. 22:1-5.

É estranho que no capítulo 21 não haja nenhum detalhe descritivo de fenômenos naturais, árvores, rios, etc., tais como encontramos na descrição do paraíso original no Gênesis 2. Esses detalhes nos são apresentados agora, fazendo-nos lembrar não só daquele capítulo, mas também de Ez. 47:1-12. "O pecado expulsou o homem de um jardim. A graça leva o homem ao Paraíso eterno". Aqui temos a beleza, vida em plena abundância, a soberania de Deus, saúde para as nações da terra, ausência de toda maldição; **nunca mais . . . , maldição** (v. 3), sobre o homem ou sobre a terra onde ele vive ou na cidade de sua habitação, nem sobre qualquer relacionamento que prevalece entre os homens – Cristo removeu a maldição e todas as suas conseqüências. Aqui está também um quadro do culto prestado, a visão perfeita, que é ver a face de nosso Senhor, e Seu nome gravado em nossas testas. Aqui estão mais dois cancelamentos ou eliminações finais das coisas que perturbavam ou preocupavam o homem: a remoção de toda maldição, e a eliminação da noite para sempre.

Não são, porém, os aspectos negativos desta passagem que mais deleitam nossos corações, mas suas afirmações positivas. Aqui as bênçãos que Deus nos tem desejado através dos séculos e das quais tem feito provisão, atingem um clímax da perfeição: no céu estaremos servindo o Senhor (v. 3b); veremos o Seu rosto; Seu nome estará em nossas testas (v. 4); reinaremos com Ele para todo o sempre (v. 5). Aqui estas promessas, como as que se encontram em Mt. 5:8; I Jo. 3:2; I Co. 15:49, etc., tornar-se-ão a experiência eterna dos crentes. Em outras palavras teremos o caráter do Senhor, serviremos o Senhor, minaremos com o Senhor, e nos regozijaremos satisfazendo-nos eternamente com a visão de Sua gloriosa face. (Um dos exames mais profundos e satisfatórios da Cidade Santa se encontra na obra de Govett, págs. 549-610).

Todos os gloriosos propósitos de Deus, ordenados desde a fundação do mundo, agora são atingidos. A rebelião dos anjos e da humanidade está finalmente subjugada, e o Rei dos reis assume a soberania a que tem direito. Santidade absoluta e imutável caracteriza todo o universal Reino de Deus. Os redimidos, assim transformados pelo sangue do Cordeiro, estão na ressurreição e glória eterna. A vida está por toda a parte – e a morte não se intrometerá nunca mais. A terra e os céus, ambos foram renovados. Luz, beleza, santidade, alegria, a presença de Deus, a adoração a Deus, o serviço prestado a Cristo, a semelhança com Cristo tudo agora são realidades permanentes. O vocabulário do homem, adequado para esta vida, é incapaz de descrever verdadeira e corretamente o que Deus preparou para aqueles que O amam.

O Epílogo. 22:6-20.

Para os versículos finais do Apocalipse, não é necessário dar uma interpretação extensa. A maior parte destas declarações, como o final de quase todas as epístolas do N.T., são exortativas.

6-10. A primeira declaração é quase idêntica à declaração da abertura do Apocalipse (1:1,2), exceto que lá foi mencionado um "servo", João, e aqui são servos. Os 'espíritos dos profetas' são as faculdades naturais dos profetas, despertadas e avivadas pelo Espírito Santo" (Swete). Do mesmo modo no versículo 7 somos levados de volta a 1:3. Esta ordem de guardar **as palavras da profecia deste livro** (veja 3:8,16; 14:12; 12:17) enfatiza uma verdade que estamos prontos demais a esquecer, isto é, que as Escrituras proféticas têm implicações éticas. Profecias e mandamentos estão aqui interligados.

11-15. No versículo 11 temos uma verdade solene, às vezes chamada de "permanência de caráter". Devo mais uma vez, a esta altura, apresentar aos meus leitores as concisas e solenes linhas de Swete: "Além de ser verdade", diz ele, "que as perturbações dos últimos dias terão a tendência de fixar o caráter de cada individuo segundo os hábitos que ele já tenha formado, haverá um tempo em que uma mudança será

impossível - quando não haverá mais oportunidade de arrependimento de um lado ou de apostasia do outro".

A vinda de Cristo é o tema preeminente de ambos, o Prólogo e o Epílogo (1:7; 22:7, 12, 20). Com **sem demora** (v. 12) não está se dizendo que o Segundo Advento ocorreria logo após João completasse a escrita deste livro. Antes, significa que os acontecimentos da Segunda Vinda acontecerão tão depressa, numa rápida sucessão, que alguns serão tomados de surpresa. O versículo 13 repete o título de Cristo (1:11; 21:6), que também é concedido a Deus (1:8). As categorias relacionadas aqui, daqueles que terão barrada a entrada na Cidade Santa, cada um apresentado com o artigo os são substancialmente as mesmas de 21:8. Estes versículos certamente não querem dizer que naquela ocasião ainda haverá grupos de homens *na terra* cometendo tais pecados.

16. Agora o próprio Cristo fala, primeiro simplesmente declarando que foi Ele quem deu origem às revelações que João registrou. Esta é a primeira vez que a palavra *igreja* (*ekklesia*) apareceu desde as cartas às sete igrejas. Então Ele atribui a Si mesmo um título duplo: Ele é **a raiz e a geração de Davi**, conforme foi há muito profetizado pelos profetas (Is. 4:3; 11:1, 2; 55:1-5; Amós 9:11,12); e Ele é **a brilhante estrela da manhã** (cons. Ap. 2:28). A estrela da manhã precede o perfeito brilho da luz do sol.

17. O convite triplo, tão cheio de graça, é enunciado 1) pelo Espírito, 2) pela Esposa, e 3) pelos que ouviram. Segue-se uma designação dual específica daqueles a quem o convite foi particularmente enviado – aqueles que têm sede (Jo. 7:37) e aqueles que querem.

18,19. O livro, com exceção da saudação, termina com mais uma solene advertência contra o acrescentar ou tirar alguma coisa às palavras da profecia deste livro. Não conheço ninguém que tenha comentado isto de maneira mais aceitável do que Lang: "A revelação da verdade está completa, pois nada pode estar *além* do estado *eterno*. Enquanto na letra estrita, a ameaça desta terrível advertência se aplica ao Apocalipse, visto

no entanto, que esta porção do Livro de Deus está enraizada em, interligada com e é o final de toda a Palavra de Deus, torna-se impossível falsificar este livro final, sem maltratar o que Deus concedeu antes" (*op. cit.*, págs. 384, 385).

20,21. As três últimas palavras são as 1) de Cristo: **Certamente venho sem demora**; 2) da Igreja: **Amém. Vem, Senhor Jesus**; e 3) de João: **A graça do Senhor Jesus seja com todos**. Embora esta fórmula de despedida seja semelhante ao que freqüentemente encontramos na conclusão das epístolas do N.T. (Rm. 16:20, 24; I Co. 16:23; Ef. 6:24; II Tm. 4:22; Hb. 13:25; I Pe. 5:12; etc.), nesta forma exata só se encontra aqui. Conforme esta dispensação vai chegando ao fim, e nós vemos que vai tomando posição, de maneira preliminar, algumas das terríveis conseqüências da rejeição da Palavra de Deus, estas três palavras finais tornam-se cada vez mais preciosas e vitais.